

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA - CCSST**  
**PRO-REITORIA DE ENSINO**  
**CURSO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**FRANCISCO PINHEIRO PIMENTEL**

**GARIMPO DE DIAMANTES DE RIBAMAR FIQUENE: Em suma/ uma  
história de amantes**

**IMPERATRIZ – MA**

**2019**

**FRANCISCO PINHEIRO PIMENTEL**

**GARIMPO DE DIAMANTES DE RIBAMAR FIQUENE: “Em suma/ uma história de amantes”**

Monografia Apresentada junto ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – com Habilitação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Universitário de Imperatriz, MA; como requisito para o grau de Licenciado em Ciências Humanas.

Prof. Dra. Vanda Pantoja

**IMPERATRIZ-MA**

**2019**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

PINHEIRO PIMENTEL, FRANCISCO.

GARIMPO DE RIBAMAR FIQUENE: em suma/uma história de amantes / FRANCISCO PINHEIRO PIMENTEL. - 2019.

52 p.

Orientador(a): VANDA PANTOJA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, IMPERATRIZ, 2019.

1. CIDADE. 2. DIAMANTES. 3. GARIMPO. 4. RIBAMAR FIQUENE. I. PANTOJA, VANDA. II. Título.

**FRANCISCO PINHEIRO PIMENTEL**

**GARIMPO DE DIAMANTES DE RIBAMAR FIQUENE: “Em suma/ uma história de amantes”**

**Prof. Dra. Vanda Pantoja**

Aprovado em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Vanda Pantoja (orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

Betânia Oliveira Barroso  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

Salvador Tavares Moura  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

## DEDICATÓRIA

A minha esposa Rosimeire da Silva Sousa, que durante todos estes anos esteve comigo neste desafio para que este momento fosse possível de acontecer, lutando diariamente para que o meu sonho também fosse o sonho dela e de minhas duas filhas Lara Hana e Maria Yanara.

A meus Pais Joaquim Pereira Pimentel e Santina Pinheiro Pimentel e irmãos Josefa Pinheiro Pimentel, Ernesto Pinheiro Pimentel, Cariolano Pinheiro Pimentel e Ernandes Pinheiro Pimentel, sobrinhas (os), cunhadas (os) e todos familiares que torceram e contribuíram para esta pesquisa.

A todos os moradores da cidade de Ribamar Fiquene – MA, que até hoje não possuem uma bibliografia que conte sua história, podendo esta ser aquela que impulsionará aos seus munícipes a buscar e confirmar sua identidade com o espaço em que vive.

A minha orientadora, Prof. Dra. Vanda Pantoja, pelo empenho e dedicação dispensados para que eu pudesse produzir este trabalho, tendo a sensibilidade de compreensão sobre a minha forma de produção.

Aos contribuintes de forma direta como: garimpeiros, familiares de garimpeiros, historiadores, professores e aos demais que através de entrevistas, indicações e sugestões contribuíram e outros que mesmo de forma indireta somaram para a elaboração desta pesquisa.

As amigas que neste percurso em que estive na universidade pude conquistar e que certamente estarão comigo para a vida toda: alunos, professores, militantes de movimentos sociais e outros que conheci nesta trajetória.

Aos amigos de fora do meio acadêmico que acompanharam meu percurso dentro dela e que vivenciaram juntamente comigo cada alegria e cada desafio que encontrei e que não mediram esforços para que esta luta pudesse ser mais amena e possível de ser conquistada.

## EPÍGRAFE

### Baião das comunidades

#### Zé Vicente

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova  
nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê,  
ê

Vou convidar os meus irmãos  
trabalhadores  
Operários, lavradores, biscateiros e  
outros mais  
E juntos vamos celebrar a confiança  
Nossa luta na esperança de ter terra,  
pão e paz, ê, ê

Vamos chamar os índios que ainda  
resistem  
As tribos que ainda insistem no direito  
de viver  
E juntos vamos reunidos na memória  
Celebrar uma vitória que vai ter que  
acontecer, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova  
nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê,  
ê

Convido os negros, irmãos no sangue e  
na sina  
Seu gingado nos ensina a dança da  
redenção  
De braços dados, no terreiro da  
irmandade  
Vamos sambar de verdade enquanto  
chega a razão, ê, ê

Vamos chamar Oneide, Rosa, Ana e  
Maria  
A mulher que noite e dia luta e faz  
nascer o amor  
E reunidas no altar da liberdade  
Vamos cantar de verdade, vamos pisar  
sobre a dor, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova  
nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê,  
ê

Vou convidar a criançada e a juventude  
Tocadores, me ajudem, vamos cantar  
por aí  
O nosso canto vai encher todo o país  
Velho vai dançar feliz, quem chorou vai  
ter que rir, ê, ê

Desempregados, pescadores,  
desprezados  
E os marginalizados, venham todos se  
ajuntar  
A nossa marcha pra nova sociedade  
Quem nos ama de verdade pode vir,  
tem um lugar, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova  
nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê,  
ê

Laiá laiá lalaialaiá

## RESUMO

O garimpo de diamantes da cidade de Ribamar Fiquene Maranhão, ocorrido nas décadas de 1940 a 1960 constitui-se numa dinâmica única, mesmo que esta tenha ocorrido dentro de contexto macro, com todas as suas peculiaridades que vão formar um município. De forma ajustada, podemos dizer que é uma narrativa de identidade com a garimpagem e com o espaço quando esta deixa de existir. Busca-se nesta pesquisa responder questionamentos e falas percebidas no senso comum por pessoas da cidade de como teria ocorrido à ocupação inicial deste território, bem como, as razões motivadoras para que se tornasse cidade. Causou a este pesquisador um desejo em buscar respostas, partindo do pressuposto do período em que ali morei, e que constantemente, ouvia este tipo de debate. Durante dois anos adentrei a fundo nestas memórias e registros teóricos, que me possibilitaram indicar a relação direta entre as práticas de garimpagem ocorridas, sua capacidade de atrair trabalhadores garimpeiros e, após a redução da extração, passar a se sedentarizarem por razões voltando a atividades de origem como a pecuária e a agricultura. O histórico da cidade de Ribamar Fiquene está diretamente entrelaçado com a peregrinação dos garimpeiros. Não se constata outro fenômeno mais significativo que teria motivado a ocupação deste território.

Palavras-chave: Garimpo, Diamante, cidade, Ribamar Fiquene

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO .....</b>                | <b>08</b> |
| <b>1. MINERAÇÃO NO BRASIL .....</b>      | <b>12</b> |
| 1.1 O diamante .....                     | 13        |
| 1.2 O caminho do diamante. ....          | 16        |
| 1.3 Diamantes no Norte-Nordeste .....    | 20        |
| 1.4 Minérios no Araguaia-Tocantins. .... | 22        |
| <b>2. DO CLEMENTINO À SUMAÚMA.....</b>   | <b>23</b> |
| 2.1 Sumaúma .....                        | 32        |
| <b>3. DO GARIMPO À CIDADE .....</b>      | <b>39</b> |
| <b>Considerações finais. ....</b>        | <b>47</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                  | <b>48</b> |
| <b>Anexos.....</b>                       | <b>51</b> |

## APRESENTAÇÃO

Nesta pesquisa serão discutidos os processos que levaram ao surgimento e produção do espaço do município de Ribamar Fiquene a partir da extração de diamantes nas décadas de 1940 a 1960, buscando uma compreensão de como a atividade extrativa às margens de rios e riachos propiciou aglomeração de pessoas, que teriam sido atraídas pelo desejo de fortuna, e, como esta povoação influenciaria pela migração, na constituição, ou não, da cidade de Ribamar Fiquene.

Partindo desse pressuposto, surgiram deste pesquisador as inquietações em buscar compreender como teria ocorrido este processo? Quem, de onde vinham? Qual era o perfil destes personagens e qual foi sua relação de identidade com o lugar? Esta inquietude surgiu de observações pessoais que tive no período de 2011 a 2017, em que morei e ouvia constantemente relatos sobre a existência do tal garimpo e que este teria influenciado no surgimento da cidade, o que me instigou a aprofundar neste debate. Durante os anos de 2017 a 2019 envolvi-me neste espaço em busca de fontes que pudesse corroborar na elucidação desta problemática.

Através de um resgate de memórias dos entrevistados como seu Antônio da Bem Vinda que chegou a essas terras pelo noticiário do garimpo no ano de 1963 residindo até hoje na cidade, Elzimar Pereira de Brito que morava na em Montes Altos constantemente ia com uma tropa de vários animais vender de insumos alimentares como arroz, carne de boi, gordura de porco e outros além de fumo e cachaça no garimpo e seu Raimundo Nonato Raposo, garimpeiro, que acompanhado de seu pai que era farmacêutico de prático saem do Piauí rodando com uma tropa de mulas chegam ao Garimpo do Clementino, pela metodologia qualitativa, consonado, com o diálogo bibliográfico com CHAVES e CHAMBEL (2003), ALVES e LEMES (2009), DANESE e CARLOTO (2006) dentre outro que tratam de garimpagem e suas relações com seu respectivos territórios, com BREMAEKER (2002) e FERRARI (2016) que nos apresentam aspectos emancipação de municípios no Brasil e seu momentos e FRANKLIN (2008) que de forma bem sintetizada fala sobreo garimpo do Clementino.

Foram procedidos a partir desse ponto a busca por fontes que pudessem corroborar para a construção desta pesquisa, alél

Inicialmente, fiz uma maratona em busca de referenciais sobre a produção de diamantes no Brasil, onde pude dialogar com Alves e Lemes (2009), Gonçalves e

Mendonça (2010), Barbosa (1991), dentre outros que tratam de ocorridos similares aos de nossa pesquisa até a localização de províncias de produção diamantífera. Foi realizada leitura também de Bremaeker (1996) e Ferrari (2010), tratando dos movimentos emancipatórios ocorridos no Brasil, que também influenciaram na emancipação de nosso local de pesquisa.

É importante que se ressalte que de forma metodológica, buscar compreender a relação de garimpagem em suas diversas categorias é entender de que maneira esse movimento teria influenciado em nosso recorte e que o fenômeno aqui ocorrido não se constitui como mero acaso do destino e sim dentro de uma relação exterior que vinha a influenciar diretamente em Ribamar Fiquene.

No momento posterior, adentrei a fase de buscas por fontes e entrevistas de pessoas com relação direta e indireta com os fenômenos ocorridos dentro do garimpo, ao mesmo tempo em que buscava bibliografias locais onde não obtive tanto êxito, sendo possível dialogar nesta esfera apenas com Franklin (2008), o que me incentivou ainda mais a fazer parte desta construção, concomitante a isso estreitei os laços com aqueles que falavam do referido garimpo.

Foi uma dinâmica cheia de sucessos pelo fato de ter facilidade em lidar com entrevistados e conseguir fontes, mesmo que poucas, porém muito significativas. Tive também insucessos em não saber de outros garimpeiros. Ou, quando em ter informações, sobre não ter a possibilidade de entrevistá-los. Alguns porque moram em outras cidades e outros se recusaram a participar desta pesquisa. Um fator que entristece o autor foi o fato de que um dos colaboradores veio a óbito durante a pesquisa, no período em que foi realizada uma entrevista e havia sido marcada uma segunda para dialogarmos sobre alguns dados ofertados em sua primeira entrevista. A segunda entrevista não chegou a ser realizada.

Como estamos falando de um fenômeno ocorrido a mais de meio século, seria difícil encontrar pessoas que tivessem vivenciado toda a temporalidade do garimpo, os entrevistados são pessoas que eram em sua maioria crianças e não tinham um entendimento de toda a dinâmica do garimpo. No entanto, foram muito importantes para elaboração deste texto. Através de informações colhidas no dia a dia pude identificar pessoas que tiveram algum tipo de relação com o garimpo, como: vendedores de insumos alimentares, família de garimpeiros e um garimpeiro.

No presente estudo farei as considerações a respeito dos processos de produção do espaço que concorrem para a formação territorial do município de Ribamar Fiquene e sua relação com o fenômeno da garimpagem.

Para início de discussão, o primeiro capítulo trará sobre a relação existente entre a formação territorial demográfica e o processo de mineração no Brasil, que se apresenta de forma mais estreita do que possamos conceber em nossas literaturas de educação básica quando estamos no início do processo de formação escolar.

Com uma busca mais aprofundada podemos perceber como a colonização ditou o ritmo de ocupação do espaço brasileiro em que as bandeiras constituídas por aventureiros portugueses através da escravização de nativos e africanos. Adentravam litoral para explorar minerais preciosos, sobretudo o ouro, inicialmente, que podia ser apanhado em cima da terra sem que houvesse a necessidade de escavar, e posteriormente, o diamante na área em que hoje se constitui como Minas Gerais, a maior do Brasil, sendo postulado inclusive até a contemporaneidade. E depois se alastrando por novas áreas, como Centro Oeste, onde se identifica o Goiás, com grandes números de extração; na região Norte, com a representação do Amapá, Pará, dentre outros; e demais regiões, inclusive a que referenciamos no nosso recorte de pesquisa que se localiza na região Nordeste, no estado do Maranhão em limite com o estado do Tocantins.

Constitui assim, uma espécie de rota de surgimentos de novos espaços que foram encontrados, uns atrás dos outros à medida que se reduzia o volume de produção. Seria questão de tempo para que uma nova corrida migratória acontecesse movida pelo alarde da onda garimpeira, que em busca da possível riqueza fácil, se aventurou em odisséia garimpeira por este vasto território.

Neste aspecto, não é muito difícil constituir uma analogia com este movimento nacional, e, nosso recorte de pesquisa, tendo em vista que o segundo não se encontra fora do primeiro, é que o processo de garimpagem ocorrido na área hoje conhecida como Ribamar Fiquene não aconteceu aleatoriamente sem que tenha acontecido um nexos com o movimento externo em que a medida que se extraía diamantes aqui eram encontrados nas províncias centrais.

Neste sentido, é importante que se entenda uma parte dentro de um cenário e que os movimentos podem até ocorrer em espaços diferentes ao mesmo tempo, ou não, mas que eles constituem um enquadramento macro. No primeiro capítulo faço uma análise de como a extração de diamantes surge no cenário da colonização até se

constituir províncias diamantíferas nas regiões conhecidas como as minas gerais, com migração posterior rumo a Norte e Nordeste até que se encontre registro de atividades de extração na região do estado do Maranhão.

Em um segundo momento é abordado nesta pesquisa as formas de como se constituiu a extração de pedras diamantes às margens de rios e riachos no então município de Imperatriz, que durante este processo passou a pertencer territorialmente a Montes Altos a partir do ano de 1955, sendo este localizado na região sudoeste do estado.

Nestes espaços foram encontradas diversas pedras preciosas que movimentaram e atraíram diversas pessoas das regiões vizinhas, bem como, até de outros estados. Foram vários pequenos veios que funcionaram com quantidade de extração e duração de tempos distintos, porém todos eles modificaram o panorama populacional ali existente.

Podemos aqui referenciar de antemão o Clementino, o primeiro ponto de extração, e o de Sumaúma, o último como sendo o mais representativo neste processo. Inclusive neste último foi onde veio a se estabelecer a sede do município e levou este nome por se localizar perto de um riacho com mesmo nome, por conter perto de suas margens várias árvores como o nome de referência para localização de transeuntes que por ali passavam e/ou vinham diretamente para o garimpo.

Em um terceiro momento será abordado o período que se finalizava a atividade garimpeira e as pessoas começam a constituir relação de estabilidade com o lugar de identidade familiar até a ocorrência do processo de emancipação na década de 1990. Registre-se que a função desta pesquisa gira em torno de torná-la um elo entre as gerações que inicialmente fundaram e construíram as identidades dos que hoje moram nesta cidade.

Vale ressaltar que as informações constantes nessa pesquisa são postas com bases nas fontes diversas de relatos de pessoas que viveram este período e que possuem assim o pressuposto de contar os fatos ocorridos. O pensamento pessoal do autor fica em um plano minimamente fiel àqueles apresentados pelas fontes, tentando garantir uma estratificação o mais próximo possível dos fenômenos ocorridos, considerando a oralidade de nossos entrevistados e a formalidade de contribuições via bibliografias.

## 1. MINERAÇÃO NO BRASIL

O trabalho de garimpagem de minérios tem sua história diretamente entrelaçada com o processo histórico da povoação brasileira, desde a chegada das caravelas portuguesas ao Brasil. Desde a chegada dos colonizadores nestas terras quando passam a extrair as matérias aqui existentes para garantir a manutenção da coroa portuguesa sendo precedida pelos usufrutos de especiarias características do “Novo Mundo”, a começar pela extração do pau-brasil, e posteriormente na extração de origem mineral que havia abundantemente neste vasto território, como o ouro, prata, quartzo, dentre uma extensa lista que poderíamos elencar, e de outros recursos do solo brasileiro que eram extraídos ou rapinados” como aponta Eduardo Galeano (1970).

Não apenas ficando restritos ao solo brasileiro, os recursos naturais em variadas categorias juntamente com o composto mineral de toda América Latina foram levados para a Europa no intuito de garantir a manutenção do porte nobre das altas monarquias francesas, hispânicas e no que toca ao Brasil, a corte portuguesa.

“[...] A prata e o ouro da América, no dizer de Engels, penetraram como um ácido corrosivo em todos os poros da moribunda sociedade feudal na Europa [...]” (GALEANO, 1970, p.41).

Estes espaços de extração mineral, sobretudo o ouro, no início eram alimentados pela força do trabalho escravizada de índios seguidos pelo açoitamento de identidades de negros advindos à força dos países africanos que trabalhavam em condições ínfimas para manter a já enfraquecida coroa que tende a entrar no emergente comércio mercantilista a fim de se manter como corte, de acordo com GALEANO (1970):

O terrível destino dos negros arrebatados às aldeias africanas para trabalhar no Brasil e nas Antilhas. A economia colonial latino-americana valeu-se da maior concentração de força de trabalho até então conhecida, para tornar possível a maior concentração de riqueza com que jamais contou qualquer civilização na história mundial (GALEANO, 1970, p. 41).

Em visita a estudos referentes à garimpagem no Brasil, é possível constatar que se extraem em proporções distintas os mais variados minerais e em espaços

distribuídos em quase todos os estados do território nacional, no entanto, se percebe nestas mesmas leituras, que todas elas são precedidas pelas atividades realizadas na região central do Brasil, hoje representadas pelos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, sendo o ouro o elemento principal da garimpagem.

Esses minerais figuraram por séculos como espaços de lutas por terras e extinção de espaços naturais, como rios e matas para propiciar a retirada de minérios nas categorias industriais, como também os minérios nobres. Os constantes movimentos de descoberta e de escassez garantem uma movimentação populacional de pessoas que buscam uma alternativa de melhoria das suas condições de vida e que acabam se encontrando em condições de degradação com trabalhos. Os espaços de garimpos que em sua maioria são clandestinos se utilizam da pouca estrutura dos aventureiros e os submetem a condições inóspitas.

### **1.1 O diamante**

O diamante é hoje um dos mais valiosos minerais existentes, sendo disputado pelos homens, mulheres e organizações mais ricas que frequentam as mais requintadas joalherias do mundo. Ainda é possível encontrar espaços com a ocorrência de extração de diamantes no território brasileiro seja ele na modalidade manual onde ocorre mediante forma artesanal e sem uso de equipamentos complexos, sendo necessário o uso apenas de uma peneira e ferramenta de mão como “enxadecos” e pá.

De outro modo, existem garimpos de lavra industrial realizada mediante o uso de implementos motorizados que dinamizam a produção, como dragas e bombas d'águas, sendo ilegal e/ou clandestino, movimentado por aventureiros, sonhadores e peregrinos garimpeiros em busca de uma bamburra<sup>1</sup>.

E a outra parte, a mais significativa, de que se registra delas, são as que compõem a modalidade consentida pela representação legal que registram, legaliza o garimpo mesmo que essa monopolize o controle de mercado, além de estas incumbirem-se da manutenção bem como, o cumprimento das leis ambientais normalizadoras e de regulamentação destas áreas de ocorrências.

---

<sup>1</sup>Bamburra: Nas lavras de diamante, achar um diamante de grande valor, por bamburro. Enriquecer inesperadamente.

O principal órgão na esfera federal a reger sobre a mineração é o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPMs) que sobre a égide do decreto nº 805.015/70 e 805.019/70, criado no governo do então militar Emílio Garrastazu Médici, com intuito de concentrar o controle de extração mineral no Brasil. Este departamento tem seu conjunto de normas variantes de acordo com a linha política nacional vigente em cada contexto temporal, tendo em determinados momentos, ações mais flexíveis e em outros, ações mais enrijecidas.

Vale ressaltar alguns fatos regulatórios marcantes que foram criados mediante as políticas governamentais e que em seu tempo proporcionam modificações nas ações minerais no Brasil. Segundo Monteiro (2005, p. 194): “Com a eleição de Fernando Collor à presidência da República e posteriormente, com a de Fernando Henrique Cardoso, consolidaram-se alterações em aspectos relevantes da forma de atuação, do sentido e das funções da intervenção estatal”.

No bojo de tais mudanças, incluem-se a diminuição de barreiras alfandegárias, a redução da tributação incidente sobre exportações e a redução da participação estatal na economia, por via, por exemplo, de privatizações de empresas estatais, como veio a acontecer com a CVRD. Antes dessa medida surgiram outras como as mudanças na legislação ambiental ocorrida no regime militar e incorporadas na constituição de 1988.

Neste panorama, o diamante figura junto com o ouro e outros minerais, como responsáveis por mudanças na constituição territorial de várias cidades, onde através de um garimpo todo seu entorno se transforma, seja na paisagem natural ou em aspectos produzidos pela ação humana.

O diamante figura entre os mais valiosos do mundo por ser cada vez mais difícil de encontrar novas áreas de veios diamantíferos e quando são assim detectados são colocados no mercado de especulação impulsionando ainda mais o seu valor. Outra característica que o torna precioso é o fato deste ter sido relacionado como um mineral com registro de uso por povos a mais de 2000 anos, além das nomenclaturas que constituem seu nome que advém de sua composição de matéria.

O nome diamante vem do grego “Adams” e significa indomável, indestrutível, apesar desse último conceito ser enganoso, pois mesmo sendo a substância mais dura que se conhece, é quebradiço ao choque do martelo. Segundo Octávio Barbosa (1991), o diamante é conhecido desde o século XVI a.C. conforme Êxodo, Cap.28, vers 4 a 35. Mario Luís Chaves e Luis Chambel (2003) citam que os nativos

hindus conheceram a pedra no século 8 a.C. e introduziram a medida de peso “quilate” (DANESE, CARLOTTO, 2010. p.391).

Em tradução para a língua portuguesa significa indomável, ou “daemos”, que significa o tentador por causa das paixões que fabricantes de joias possuem para com o diamante, por ser um dos minerais mais complexos para manuseio de lapidação até a postulação de jóia e pelo aspecto rígido. O diamante pode ser classificado por várias formas como tamanho, modelo, cor e por composição mineral, porém a mais conhecida dentre as categorias podemos citar a gema e a industrial. A primeira tem sua medida de valor estimada de acordo com a cor e transparência além deste ser o mais valorizado comercialmente na fabricação de joias das mais variadas modalidades; já o diamante na modalidade industrial tem valor comercial bruto menor por não ter utilização em jóias, sendo aplicado no meio industrial na fabricação de instrumentos e ferramentas que necessitam de altas temperaturas e resistência a contatos contínuos e de alta pressão.

Segundo Danese e Carlotto (2006. p 391),

O diamante industrial é principalmente usado na perfuração e corte na pesquisa mineral, na engenharia civil e mecânica devido a sua grande dureza e resistência, é um abrasivo de alta qualidade e usado como ferramentas de talha. Podem ser usados para cortar, torner e furar alumina, quartzo, vidro e artigos cerâmicos. O pó de diamante é usado para polir aços e outras ligas. Apesar de ser um mineral de valor elevado, sua grande durabilidade e ação rápida do corte, compensam seus custos (DANESE E CARLOTTO 2006, p. 391).

Além dessas categorias acima citadas, o diamante pode ser analisado em várias propriedades que podem ser identificadas em condições de composição mineral que definiremos de propriedades químicas e algumas propriedades encontradas no diamante que são classificadas por sua apresentação física. Por todas estas características, os minerais são capazes de mobilizar grandes quantidades de pessoas rumo a garimpos de exploração ocasionando êxodos populacionais em todo o Brasil em seu vasto território.

Esta corrida migratória acontece diretamente com o ouro pós-colonial à medida que foi ficando mais escasso, sendo encontrada apenas perfuração do solo para então encontrar a rocha que possui este mineral, houve a necessidade de migração para seguir no projeto de alimentação da colônia. Neste período de busca por novas áreas, tiveram a oportunidade de encontrar novos minerais que até aquele momento não era

considerado como sendo de valor e que agora se fazia necessário recolher, porque apresentava cotação na Europa.

Nesse sentido, é que se passou a extrair ou, a garimpar o diamante, como aponta Gonçalves e Mendonça (2010). Vastas áreas em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia constituem espaços tradicionais de atividades garimpeiras, às quais se juntaram, principalmente a partir de meados do século XX, extensas porções da Amazônia (MENDONÇA, 2010).

## 1.2 O caminho do diamante

Fazendo uma análise de ocorrência de diamante em específico, concebe-se que o primeiro achado identificado e registrado em espaço brasileiro constituído como o pontapé para a corrida diamantífera no Brasil foi encontrado há mais de 250 anos. Segundo Barbosa (1991), o primeiro exemplar brasileiro foi encontrado por Francisco Machado da Silva em 1714, em um garimpo de ouro no córrego Machado, Arraial do Tijuco, onde hoje se localiza a cidade de Diamantina. Por volta de 1721, Bernardo da Fonseca Lobo achou pedras semelhantes no córrego dos Morrinhos, afluente do rio Pinheiro, aproximadamente em Guinda e São João da Chapada

Esta descoberta teria despertado o interesse de garimpeiros da região e de outros estados que, com a desilusão de alguns setores da época, almejavam adquirir de forma mais fácil em um espaço de tempo menor uma quantidade de recursos superiores às que tinham na condição de trabalhadores, no que os garimpeiros definem como sendo o “bamburro”. Este achado vem acompanhado de outros garimpos na região. O diamante foi descoberto em Goiás nos rios Claros e Pilões, e posteriormente no Mato Grosso na região de Diamantino em 1746.

Partindo destes pontos de achados de diamantes, seguido dos esgotamentos dos veios a atividade tende a se alastrar por regiões outras. De acordo com Machado (1998) no fim do século XVIII e início do século XIX:

Com a intenção de reanimar a mineração do ouro, a metrópole franqueou regiões diamantíferas que estavam em seu poder como reserva. A corrida desenfreada dos garimpeiros em busca dessas pedras, assim como o contrabando, se tornou incontrolláveis. Exploradores migrantes de velhas áreas exauridas e aventureiros portugueses utilizaram a região do Alto Paranaíba à procura de novos

veios de ouro e diamantes, especialmente o município de Coromandel, ponto de passagem para Goiás e Paracatu. (MACHADO, 1998, p.21)

O estado de Minas Gerais constituiu ao longo de séculos como sendo a principal área de ocorrência, começando como fora acima citado no século XVIII até os dias de hoje mesmo ela estando compondo um cenário de mudança ocasionada pelas burocratizações do estado que impõem limitações das mais diversas políticas de ações e legislações ambientais, disputas de terras pelo latifúndio e os movimentos sociais da escassez de alguns veios, essa atividade teve a resistência de seus personagens que foram garantindo a manutenção.

Em análise de Gonsalves e Mendonça (2010), podemos perceber, com ênfase no estado mineiro, após séculos de exploração de ouro e diamantes, esgotamento de jazidas e na medida em que a legislação ambiental e do trabalho foram sendo ampliadas, tornando-se mais rigorosas, intensificou-se a fiscalização dos garimpos.

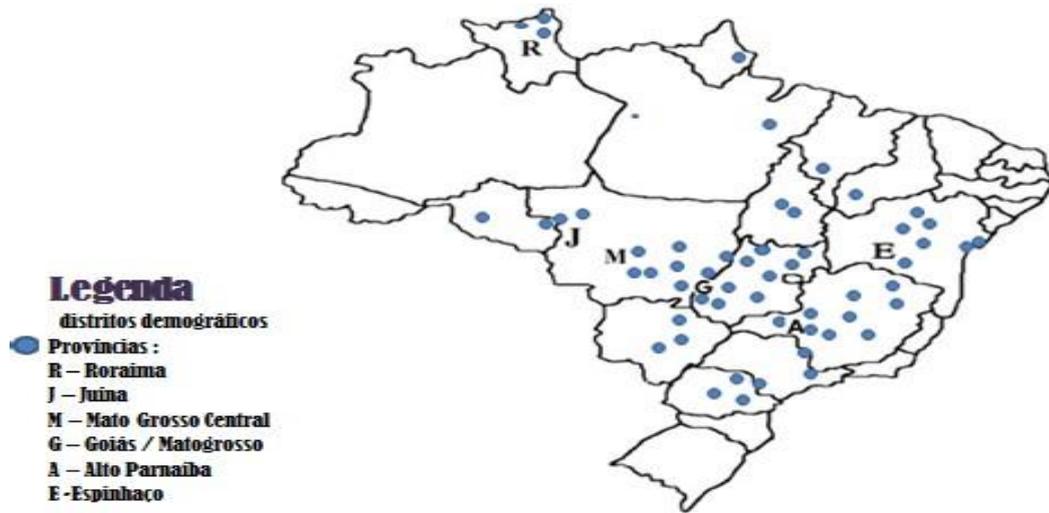
Mesmo diante dessas questões, dificultando o trabalho do garimpeiro manual, a extração desses minerais permaneceu significativa em muitas partes de Minas Gerais.

O estado do Mato Grosso também figura a composição geográfica do mapa mineral do Brasil com a existência de algumas áreas garimpagem de diamante, tendo algumas regiões do estado uma maior representatividade como aponta Alves e Lemes (2009 p.04 apud METAMAT, 2006).

No estado de Mato Grosso, as principais regiões produtoras de diamantes são as regiões do Médio Norte, Sudeste, Araguaia, Central e Noroeste. Porém as pedras mais preciosas produzidas no estado são exportadas para países na Ásia, na Europa e no Oriente Médio (METAMAT, 2006).

A constituição das principais províncias diamantíferas está concentrada, como foi colocado algumas vezes nesta pesquisa, na região central do Brasil, conforme representado no mapa de localização esquemática dos depósitos diamantíferos:

**Figura 01 - Localização esquemática dos depósitos diamantíferos no Brasil.**

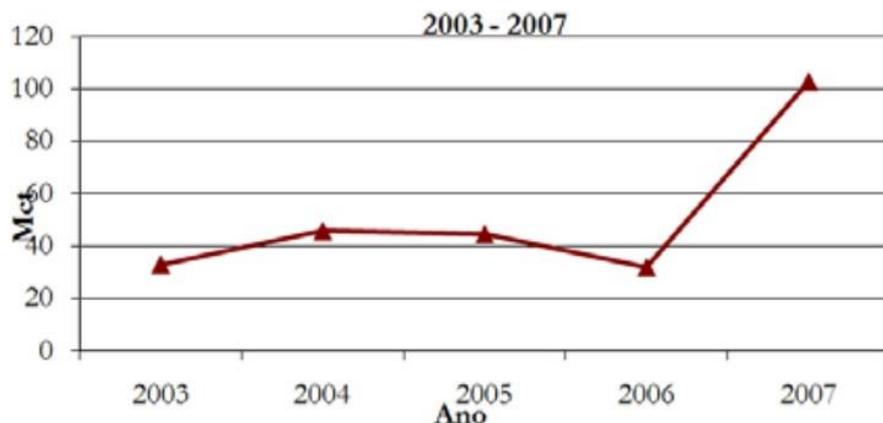


Elaboração própria, adaptado de Chaves e Chambel (2003, p.397).

Duas das províncias diamantíferas estão situadas na região do estado de Minas Gerais, sendo uma delas com até quatro locais de garimpagem e outra ligada ao estado da Bahia, com mais de oito pontos de extração de diamantes disseminando-se pela região Sul do estado de Goiás até o estado de Mato Grosso. Além destas províncias mais produtoras e mais concentradas é possível encontrar ainda em Rondônia, no Amapá, no Pará e na região Nordeste com os estados do Piauí e Maranhão.

São com base nestes veios diamantíferos que foram sendo, a partir dos anos 2000, intensificadas as pesquisas para identificação de áreas de ocorrência e consequentemente a produção anual nacional e por estado.

**Gráfico 01 - Evolução da reserva nacional de diamante – 2003-2007.**



Fonte: Chaves e Chambel (2003, p. 395).

Apesar do grande fluxo desde as primeiras descobertas de diamantes no território brasileiro, é possível perceber um aumento significativo de registro de áreas de garimpagem, muito em ocorrência do aperfeiçoamento de métodos de pesquisas, principalmente nas províncias centrais, desde o ano de 2003 até 2007.

Deste modo, vale ressaltar que tais avanços foram mais significativos nos dois últimos anos referenciados no gráfico 01. De acordo com Danese e Carlotto (2006),

Segundo dados do AMB – Anuário Mineral Brasileiro, a reserva brasileira de diamante teve um acréscimo de 223% comparando os anos de 2006 e 2007 como mostra o gráfico 01. Esse aumento se deve às pesquisas minerais realizadas principalmente nos estados de Minas Gerais e Bahia (DANESE E CARLOTTO 2006, p. 395).

Em uma análise mais detalhada destas províncias por estados, é que temos uma compreensão melhor da força representativa desta evolução da reserva nacional, como mostra a tabela a seguir.

**Tabela 01 - Reserva nacional de diamante (mct).**

| UF    | 2003  | 2004  | 2005  | 2006  | 2007   | %     |
|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|
| MG    | 16,90 | 15,76 | 26,80 | 10,31 | 63,51  | 61,56 |
| MT    | 13,40 | 27,00 | 15,00 | 19,90 | 8,20   | 7,95  |
| PR    | 0,00  | 0,00  | 0,00  | 0,18  | 2,80   | 2,71  |
| BA    | 2,50  | 2,50  | 2,50  | 1,30  | 28,10  | 27,4  |
| GO    | 0,29  | 0,29  | 0,29  | 0,29  | 0,55   | 0,53  |
| TOTAL | 33,09 | 45,55 | 44,59 | 31,98 | 103,16 | 100   |

SisMINE- (DNPM). Fonte: AMB

Estes números se tornam ainda maiores quando analisamos os dados de pesquisas datando do ano de 2010 até 2016, com ênfase na produção por quilates no Brasil. Segundo (DNPM) Departamento Nacional de Produção Mineral, Heider e Costa (2016, p. 13), temos o gráfico a seguir.

**Gráfico 02 - Total da produção (ct) – Brasil.**

FONTE: Kimberley Process Certification Scheme (KPCS) – Annual Global Summary 2016.

Em 2016, observa-se, de acordo com o gráfico a quantificação maior que a média percebida de 2010 a 2015 com 183.525,69 quilates. Isso ocorre à medida que os investimentos se ampliam no setor de pesquisas na área com potencial diamantífero tende a se obter dados crescentes.

Mesmo que esta atividade tenha perdurado por mais de 250 anos de forma quase sempre clandestina, sendo assim chamada por não passar pelo crivo burocrático do estado e talvez por causa disso não tenha sido referenciada como garimpo pelo menos de forma oficial. É neste sentido que esta pesquisa sai do raio principal dos grandes centros diamantíferos e procura entender que o caminho deste mineral não é linear quando apontamos as categorias tempo e espaço.

### 1.3 Diamantes no Norte e Nordeste

A região Norte do Brasil é constituída na produção mineral numa característica única, baseada numa história digna de constar nos melhores contos (se fosse analisada por um romântico literário), o que seria cômico se não fosse trágico.

O projeto de desenvolvimento proposto pelo governo federal dos anos 1940 tinha como característica o liberalismo econômico, para tornar a Amazônia legal, na área mais desenvolvida do Brasil. Deste modo, foram desenvolvidas ações públicas de incentivo aos grandes projetos agropecuários e agros minerais, inclusive com redução de impostos, para ocupação e desenvolvimento com abertura de estradas, implantação de sistemas de comunicação dentre outras.

Este processo acabou por facilitar na identificação de áreas com ocorrências de minerais com condições de extraídos no mesmo momento em que a mineração figurava sua valorização, sobretudo na linha industrial.

No final das décadas de 1970 e início da década de 1980 entra no cenário da mineração brasileira o PGC (Projeto Grande Carajás), subsidiado por incentivos e encargos insignificantes no intuito de unificar as ações de controle na produção industrial mineral. Contemporâneas a essas e em condições similares, surgem outras empresas do ramo mineral como aponta Monteiro (2005, p.190),

Assim, no escopo do PGC, implantaram-se na região empresas voltadas à produção de alumina e alumínio primário. A Albras instalou-se no município paraense de Barcarena, iniciando sua operação em 1985. Nas negociações das condições de sua instalação, o Governo Federal concedeu à empresa subsídio no preço da energia elétrica. Vigorando entre 1985 e junho de 2004, tal concessão significou, segundo a Eletronorte, subsídios superiores a US\$ 1 bilhão (MONTEIRO, 2005. p.190).

Outro fator que não deve passar despercebido em nenhum texto que venha a tratar da mineração na região Norte do Brasil é a exploração do ouro na década de 1980 e 1990 nos estados do Amapá, Pará e no Amazonas com a ocorrência de garimpos. O mais significativo dele sem dúvida foi aquele nominado de Garimpo de Serra Pelada no estado do Pará, que movimentou por vários anos o mercado mineral brasileiro. Nesta região ocorreram alguns eventos de mineração, sobretudo no estado do Pará, na região limítrofe com o Maranhão, onde a extração de diamantes teve por volta de 1935 uma intensa movimentação de garimpeiros.

Na corrida em busca do quartzão, foram sendo descobertas também minas de diamantes ao longo de diversos pequenos rios da região, tanto de Goiás quanto do Pará e Maranhão. Também, antigas áreas de mineração eram reativadas. Em toda a região do Araguaia-Tocantins, verificou-se uma verdadeira “febre” de garimpos sendo o maior dele de ouro historicamente conhecido como Garimpo de Serra Pelada, que em seu apogeu na década de 1985 contou, em suas entranhas entre riachos e aos arredores de morros paraenses, com mais de 50 mil homens, enriquecendo uns poucos e falindo muitos outros.

## 1.4 Minérios no Araguaia -Tocantins

Em meados do século XX existiu uma corrida em busca de mineral em função da demanda de quartzo na segunda guerra mundial. Isso decorreu, como afirma Franklin (2008) “A elevada cotação do cristal-de-rocha, comprado ao Brasil no início da guerra principalmente pela indústria bélica alemã, tornou-o tão buscado quanto o ouro”. Era, por assim dizer, o ouro transparente dos sertanejos. Com os constantes avanços destas atividades em rios da região, não demorou a que se também encontrasse diamante pela similaridade na composição rochosa com o quartzo, segundo Franklin:

Na corrida em busca do quartzo, foram sendo descobertas também minas de diamantes ao longo de diversos pequenos rios da região, tanto de Goiás quanto do Pará e Maranhão. Também, antigas áreas de mineração eram reativadas. Em toda a região do Araguaia-Tocantins, verificou-se uma verdadeira “febre” de garimpos, enriquecendo uns poucos e falindo muitos outros (FRANKLIN, 2008. p. 91).

O rio Tocantins possui algumas histórias contadas relativas a existência de alguns pontos nos quais serviram de extração sendo de forma direta em seu leito, por via de seus afluentes e espaços próximos a ele, de alguns minérios nobres como quartzo, ouro e diamantes, dentre outros. Como aponta Barros (1995),

O principal deles foi o garimpo do “Pedral”, localizado no rio Tocantins, compreendido no trecho Itupiranga a Tucuruí. Duas ilhas tornaram-se a base dos garimpeiros: ilha da Bagagem e ilha das Pacas. O trabalho era muito pesado: isolar os braços do rio, secar os poções com bombas de sucção, para depois retirar o cascalho. Exploravam também através de mergulhos com escafandros. Poucos bamburravam, mas todos conseguiam alguma coisa (BARROS, 1995, p.89).

Além dos pontos de garimpo encontrados ao longo do rio Tocantins por Edelvira Barros, também podemos encontrar na obra de Adalberto Franklin intitulada de “A História Econômica de Imperatriz” datada do ano de 2008, relatos que tratam da existência de achados de diamantes na então Vila Barbosa no início dos anos de 1940 no município, na época, de Imperatriz, no lado maranhense.

## 2. DE CLEMENTINO A SUMAÚMA

A atividade extrativa de diamante no estado do Maranhão parece, a princípio, não fazer parte do mapa dos grandes centros provinciais de garimpagem. Em buscas realizadas por este pesquisador ao longo de dois anos, encontrei poucas bibliografias que tratem da produção de diamantes no estado do Maranhão, sendo estas poucas quase sem representatividade no cenário nacional. Sendo assim, os garimpos aqui existentes, frente às grandes províncias do Norte e Centro Oeste, são registrados como pontos isolados. Estas obras não abarcam esse tema e são poucas, quando se identifica como base teórica que acene neste sentido.

Estas intensas buscas por estudo neste sentido e com repetidos insucessos fez despertar em mim uma inquietação em escrever a existência com achados de pedras de diamante por tempo expressivo e que tal evento pode ter contribuído para a constituição populacional de Ribamar Fiquene. Vale aqui ressaltar que nesta região existiu e ainda pode se encontrar algumas regiões onde se pratica, mesmo que de forma artesanal, a extração de pedras em tamanhos e características diversificadas e que eram extraídos, às vezes com dificuldades, em intensas escavações, e em outras sem que exprimisse tanto esforço nos cursos dos rios e córregos próximos ao rio Tocantins, como pode ser comprovado a seguir.

O ribeirão Clementino, hoje está nomeclaturado como rio e fica localizado no município de Ribamar Fiquene na região Sudoeste do estado do Maranhão. O garimpo do Clementino mesmo não tendo proporções mais significativas ao ponto de figurar como grande centro diamantífero, como os registrados nos estados de Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás, produziu por aproximadamente duas décadas pedras em escalas de valores; diferentes, bem como em qualidades distintas. Este veio de diamante tem uma significação com a constituição populacional de algumas cidades da região que o cercam.

Em meados da década de 1940, na então cidade de Imperatriz da qual faziam parte alguns povoados, dentre eles Montes Altos e a Vila Barbosa, sendo esta última localizada às margens de um riacho de mesmo nome com deságua no rio Tocantins, que aos poucos, devido a achados de minerais como esmeralda, e com maior quantidade os diamantes, acabou por chamar atenção de aventureiros garimpeiros que começam a migrar para esta região como nos mostra Adalberto Franklin:

No ribeirão Clementino, município de Imperatriz, no final dos anos 40, foi descoberto algumas pepitas de diamante, causando uma correria para sua exploração. Estava montado assim o Garimpo do Clementino, para onde se voltaram as atenções e aspirações de

riqueza da população imperatrizense e localidades mais próximas (FRANKLIN 2008. p.93).

À medida que se aglomeravam pessoas que estavam em busca dessas riquezas minerais às margens das propriedades que pertenciam aos herdeiros de Aristóteles Lopes de Azevedo, surgiu então a necessidade de mais espaço para que essas pessoas pudessem viver de forma a atender suas necessidades de subsistência.

Dado então a ordem advinda do então prefeito de Imperatriz, Urbano da Rocha Miranda, que solicitou à câmara municipal que aprovasse a lei nº 36, de 8 de junho de 1951, qual sancionada pelo prefeito estabelecendo este espaço como de garimpagem, tornando-a como área de utilidade pública, que por sua vez, poderia ser ocupado pelas pessoas que tivesse interesse em praticar a atividade extrativa de diamantes.

Partindo deste ponto, a quantidade de pessoas com o propósito de conseguir riqueza aumentou substancialmente culminando com o surgimento de uma vila com construção de moradias, pontos de comercialização, bem como, a representação de autoridades.

O garimpo do Clementino, apesar de pouco produtivo, mantém em ocupação centenas de faiscadores e dá motivo à criação de um próspero povoado, com pequenas casas comerciais, ruas com casas de telhas, mercado público, subdelegacia de polícia e agência arrecadadora de impostos do Estado (FRANKLIN, 2008. p.97).

Como nos mostra Elzimar Pereira Brito, em entrevista realizada em 2017, à medida que a notícia do garimpo do Clementino corria pela região no Maranhão e em outros estados, acaba por propiciar uma corrida em busca deste mineral que podia ser encontrado, em alguns casos, com muita facilidade. Segue com isso que,

[...] Os garimpeiros que vinham de fora, muita gente vinha do rumo de São Domingos do Zé Fei (São Domingo do Azeitão hoje), vem de Pastos Bons, vinha de Barra do Corda, de Grajaú e outros vinham de outros lugares e essa região aí era tão braba que malária aí dava até em macaco, era braba, matava gente[...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

Fatores como esses, de achados, de diamantes abriu espaço não somente para a chegada de pessoas do Maranhão, mas também de estados diversos, como

explica o enunciado do senhor Raimundo Nonato Carvalho Raposo, em entrevista realizada em 2017:

Em 1945, ai, nós saímos do Piauí eu junto com meu pai adotivo (pausa) nome dele é José Torre Raposo e eu sou Raimundo Nonato Carvalho Raposo ai mixia com medicamentos, ele era enfermeiro prático, aí viemos de Terezinha, passamos por Uruçui, Uruçuí fica no sul do Piauí, passamos la um dia em Uruçuí atravessamos o rio Parnaíba aqui pelo lado de cá e chegamos em Benedito Leite já no Maranhão, arranchamos lá o rapaz que andava com nós tirou as cargas dos nossos animais colocou eles pra descansar no piador e nesse local o dono do lugar falou que ali havia existido uma guerra e que andando na chapada acha-se osso de gente. De Benedito Leite saímos, eu não sei qual era o destino dele por que nesse tempo eu ainda era criança tinha aproximadamente uns 10 anos, não sei se ele tava caçando garimpo, mas só sei que cortamos de lá pra cá, passamos por Nova Iorque, passamos por São João do Patos, Pastos Bons, saindo de lá chegamos em Carolina até cameleão onde tinha um garimpo de diamantes. Meu pai comprou uns diamantes desse garimpo de Pedro Vasconcelos e trouxe pra cá nas cargas, passamos por Babaçulândia na beira do Tocantins passando por Porto Franco, cortando rumo ao garimpo do Clementino (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Com aumento gradativo do número de pessoas que passaram a habitar este espaço seja para comércio, moradia e/ou para extração de diamante, houve a necessidade de uma organização sócio espacial que delimitasse a área a ser habitada e explorada. Com base na Lei nº 36, de 8 de junho de 1951, ficou estabelecido que: da margem do riacho Clementino até o rio Tocantins, pelo Clementino acima até as extremas da fazenda Primavera (ainda existente) à direita até o riacho Barbosa, até o Tocantins e por este abaixo até o Clementino, ficando assim estabelecido os limites dos quais poderiam ser ocupados pelos cidadãos advindos de outras regiões.

No povoado que se formava, as casas possuíam características quase que sempre da mesma forma, em sua maioria eram enfileiradas, construídas basicamente com os mesmos materiais, que em sua maioria eram extraídos das matas próximas ao povoado, como nos apresenta o entrevistado:

[...] Depois disso achamos um barracão desocupado e mandou ajeitar, tirou madeiras e umas palhas, era simples, as forquilhas de madeiras e coberto de palhas como era todos no garimpo daquela época [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

No decorrer desta pesquisa percebi que algumas informações prestadas pelos entrevistados se encontram diferentes daquelas encontradas nos textos que dialogo

no decorrer das investigações. Mensuro uma situação em que Franklin (2008) aponta a construção das casas como sendo de telhas e o entrevistado Raimundo Nonato Carvalho Raposo define as casas como sendo de madeiras e palhas, isso deve decorrer da diferença em que o entrevistado esteve no garimpo e o que as fontes informaram às bibliografias.

Em determinados pontos desta pesquisa podemos perceber o uso de expressões como vila, outros como povoados e em outros de corruptela, para representar a recente aglomeração destas pessoas no garimpo do Clementino. Neste caso, todas estas expressões são utilizadas no mesmo sentido para descrever uma aglomeração não muito grande de pessoas. Assim sendo, não estamos prestando informações controversas. Vale ressaltar que não é função desta pesquisa enveredar como verdade para este ou pra aquele, e sim, colocar como eram estas construções a partir de cada ponto de vista e da realidade de cada ator dessa pesquisa.

Além das características físicas deste garimpo, é importante que se apresente outras relações que existiam, como entre garimpeiros, a dinâmica de trabalho de extração dentro destes espaços, bem como, as mais variadas formas de comércio de insumos alimentares e as formas como os diamantes eram comercializados dentro e fora do garimpo, para que possamos compreender como essa dinâmica direcionou para o crescimento do garimpo.

Às margens dos rios acima citados por nossos referenciais teóricos eram utilizadas as práticas denominadas de extração manual, que também pode ser caracterizada como artesanal, pela não utilização direta de instrumentos como máquinas ou algo do tipo, sendo esta atividade praticada com instrumento de uso manual como as tralhas, como aponta o entrevistado em sequência:

[...] ele dava o de comer, o alojamento e a tralha para trabalhar, a tralha é [pequena pausa] a tralha do garimpeiro é uma picareta, é uma pá, uma lata daquelas de paucin do lado assim, uma lata, um teste de peneira naquele tempo não tinha bateia, era só naquela peneira, o teste de bateia era três peneiras tinha a dispedradeira tinha a outra da malha mais grossa né! Ela ficava, tinha a média, era bem no meio né, e apuração era uma bem fininha que ficava em baixo [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Esses materiais mencionados pelo entrevistado eram usados para a extração dos diamantes, a começar pela dissociação do cascalho dos demais componentes. Através dos enunciados é possível perceber o grau de dificuldade que os mesmos se

deparavam na labuta para conseguir o êxito esperado, muitos deles acabavam desistindo de enriquecer devido às dificuldades, pois muitas vezes eles compravam uma área pra garimpar mas não “bamburrava” (expressão usada para classificar um grande achado de diamantes em um determinado espaço adquirido – comprado) e voltavam para seus locais de origem, como a fala do entrevistado constata:

[...] os garimpeiros trabalhavam para o meu pai garimpando diamantes. Primeiro tiravam o cascalho e depois iam lavar nas três peneiras onde colocavam todas de mesmo tamanho más com malhas distintas sendo reduzida da primeira para a última. Colocava as peneiras na água e colocava a lata de cascalho na primeira peneira mexia com as mãos e balançar devagar para despedrar e caso encontrasse o diamante nela, era considerado bamburro, isso quase nunca ocorria. Na segunda o cascalho estava um pouco menor no peão (cento da peneira) e também sendo encontrado diamante nela era um pequeno bamburro e depois na apuração era encontrado os diamantes de menor ponto e quase sempre era nela que eram encontrados o maior números de pedras [...]  
(RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Fato que merece destaque, observado em meio à fala do senhor Raimundo Nonato, é que era bastante recorrente nos garimpos o desvio de algumas pedras de diamantes por parte dos garimpeiros (funcionários), pois como ocorria uma espécie de arrendamento alguém mais provido de condição comprava um garimpo e colocava os trabalhadores para irem à busca do tão almejado diamante. O patrão era o dono do terreno, contratava peões para trabalhar concedia a eles os barracões, comida e material para desempenhar suas funções, e o que encontrasse seria dividido ao meio entre patrão e empregado. Mas, como conta o entrevistado, muitos passavam por espertos e escondiam algumas pedras na boca, fazendo prestação de contas somente de partes do encontrado e acabava vendendo sua parcela posteriormente.

Em meio a todas essas exposições nas matas e rios, com poucas ou nenhuma proteção (vacina), muitos garimpeiros adquiriam doenças. E, pela falta e/ou escassez de medicação imediata acabavam chegando ao óbito, considerando nesses aspectos que atendimento médico, como a distância das cidades mais próximas que tinham atendimento hospitalar, poderia demorar até três dias em “lombo de animal”.

Outro meio seria ir pelo rio que não tinha à disposição embarcações, estas eram de uso quase que exclusivo dos mais afortunados do lugar, como alguns poucos fazendeiros, inspetores policiais, compradores de diamantes e outras figuras políticas que por ali passavam ou residiam, o que fazia com que muitas vezes não fosse

possível socorrer os enfermos que acabavam por morrer e não voltavam as suas regiões de origem.

Outros com doenças menos graves eram tratadas ou amenizadas pelos curandeiros que apreciavam com fama de serem farmacêuticos (como chamavam aqueles que tinham certa prática em cuidar de pessoas), com suas beberagens e seus poucos remédios químicos. As doenças mais recorrentes no meio em questão era impaludismo ou sezão, atualmente no século XXI com uma nova nomenclatura de malária.

O senhor Raimundo Nonato Carvalho Raposo não sabe ao certo como essa doença afetava as pessoas se pela água dos rios, bactérias ou vírus, o que ele tem precisão é que ela matava muita gente sem nem mesmo dar tempo de avisar as famílias dos achacados, como descrito em sequência:

[...] eu que na época tinha 10 anos, e a malária começou a agarrar nós (hoje é malária, naquele tempo era impaludismo ou sezão) que era causado pelo rio, não sei se era por bactéria ou vírus de forma que pessoas chegava de manhã, quando era de tarde já estavam pronto (morto) ( RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Muitos foram também, acometidos ainda por outras enfermidades como febre amarela, problemas relacionados a dores de barriga grave, que não dava oportunidade de sobreviver por muitos dias, como justifica os enunciados do senhor Elzimar Brito:

[...] outros chegavam arrumavam logo uma zebra e um, dois, três dias adoeciam e num arrumava nada. Ali dava uma febre amarela com uma caganeira preta e com dois três dias já estava morto, por que não tinha socorro [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

Além dos acometidos por diversas enfermidades que constantemente morriam, em virtude disso, podemos apontar outros fatores que acabaram por transformar a dinâmica do até então pacato povoado. Eram comuns relatos, sobre o desaparecimento de garimpeiros que após bamburrarem, venderem seus achados e estarem com suas bolsas de couros com alças longas (bornais) cheios de dinheiro, eram assaltados e mortos, em alguns casos, como nos mostra Elzimar Brito ao narrar um ocorrido:

[...] sobre o roubo, já naquela época tinha uma os cara amarrada que amarravam um pano na cara e quando sabia que o sujeito era bamburrado, ele tinha que fazer uma madrugada e num lugar onde todo mundo era pedestre e não tinha carro e nem moto como tem hoje [...] e havia muito roubo, muita gente matava gente, eu mesmo ainda passei num lugar onde no segundo dia, atrás tinha uns azunhão do lugar onde um cabra pegou o outro e puxava pra dento da água e sei que matou enforcado e carregou o dinheiro e foi embora. Então ali pra chegar na estrada hoje, a estradinha tinha uma grotinha de lage lá que tava ensanguentada, tinham matado um lá para tomar o dinheiro [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

Vale ressaltar que os acontecimentos supracitados parecem ser traços de que tudo que ocorria no efervescente novo garimpo estivesse enveredado para uma narrativa linear de fatos e histórias de homens que não deu certo. O que não é papel deste pesquisador prestar juízo de valor quanto aos fatos narrados, sejam eles por entrevistas ou por corroboração teórica. Minha função, quando proponho contar essa história, é apresentar a proximidade com a realidade dos fatos ocorridos.

Deste modo, podemos aqui também elencar fatos como a motivação dos garimpeiros em buscar incessantemente pelos diamantes, que era o comércio. Muitas pessoas que conseguiam um grande feito, ou se bamburraram, muitas vezes não sabiam nem o que fazer com o dinheiro, enquanto uns faziam investimentos outros gastavam de forma aleatória e quando menos percebiam estava sem dinheiro novamente.

Os garimpeiros ficavam ludibriados com o resultado. Embora na região do Clementino existissem os próprios compradores de diamantes, como os senhores José Borges, que morava no garimpo do Barbosa (pequeno achado de diamantes que ficava próximo à vila e ao garimpo do Clementino), Damásio e Nequinha, muitos preferiam negociar do outro lado do rio que pertencia ao, então, estado do Goiás, onde hoje se localiza a cidade de Itaguatins, no estado do Tocantins, que também tinha a prática de extração de diamantes como garimpo e que levava o nome de Santo Antônio, além de se reportar a grandes distâncias para negociar seus diamantes em busca de valorização da mercadoria.

É o caso de Nequinha que mesmo se expondo ao perigo de ser atacado, assaltado e até mesmo morto ele comprava os diamantes há um preço razoável e se destinava a Brasília ou Rio de Janeiro em busca de mercado que lhes fosse mais vantajoso. Mesmo o perigo sendo grande, considera-se que ninguém o atacava, pois, sempre estava acompanhado por homens que ele denominava de cangaço e nunca

deixava seus aliados fiéis, de lado seus dois revólveres 38. Assim afirma o senhor Elzimar Brito:

[...] Naquela época os compradores de diamantes eram... [pausa]. eita deixa eu lembrar o nome.... tinha o Jairo Milhomem e outros mais...no garimpo da Serrinha o comprador maior era o Nequinha, e eles viajavam para vender na região de Brasília, pro rumo do Rio de Janeiro aonde tinha os melhores preços, mais naquele tempo ninguém mexia com eles, não por que cada comprador as vezes andavam até com dois revolver 38 na cintura. Eles andavam com aquele maior cangaço com a sacola cheia de dinheiro, só avaliado a pedra e ali mesmo pagando, não tinha negócio de levar pra gabinete pra fazer pagamento não, o negócio era feito na hora ali [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

As existências das ramificações comerciais existentes nos garimpos ultrapassavam a compra e venda de diamantes. Como a maioria dos manchões estavam localizados há uma distância considerada dos centros urbanos, a carência concernente a alimentação e medicamentos era considerada, os trabalhadores por vezes caçavam animais para fazer suas refeições. Algumas pessoas viam aí uma forma de tirar proveito da situação, pois “enquanto uns choram, outros vendem lenços”. Surgem então os comerciantes de alimentos que percorriam dias de viagem por longos caminhos e veredas, por matas e chapadas, fazendo uso de transporte em animais, levando sem suas cargas várias especiarias, como constatamos a seguir:

[...] As pessoas vinham da beira do Clementino, Arraias, Lajeado para alimentar o povo e a forma de alimentação era nas costas de animal, eu mesmo tinha mais meu padraço nos melhores tempos e nós passava dois três dias para chegar no garimpo com uma frota de 10 a 15 animais carregado trazendo arroz, farinha e outras coisas básicas no caso carne seca, toicinho de porco, fumo de rolo ou de corda como alguns preferem chamar e outras coisas [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

Continua:

[...] Meu padraço comprava boi, matava, salgava, fazia farinha, pilava um pouco de arroz e fazia aquele monte de carga de animal e tocava arriba e abaixo. Isso entre aproximado do ano de 1952 a 1954 [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

Conjugado à venda de mantimentos nos garimpos, havia também a comercialização de medicamentos, que eram prescritos pelo Sr. José Torres Raposo, enfermeiro prático e que tinha experiência. Muitas vezes esses remédios

trazidos/transportados de muito longe, assim como os alimentos, as medicações também eram transportadas com uso de animais (cavalos e mulas), o que prolongava os dias de viagem, pois até então as estradas asfaltadas e até mesmo empiçarradas não eram uma regalia do espaço em questão. Assim afirma o Sr. Raimundo Nonato Carvalho Raposo:

[...] Meu pai mexia com medicamentos, ele tinha diploma eu acho que ainda hoje eu tenho a carteira dele, era enfermeiro prático e trabalhou no rio de Janeiro quando era novo com um rapaz chamado Pedro Ernesto. Ele aparecia lá com esse medicamento vendia pro povo e também tinha os garimpeiros trabalhando pra ele [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Com o passar dos anos e com o aumento da população de garimpeiros que almejavam fortunas nas buscas de diamantes ocorreu que parte destes começaram a migrar rumo aos afluentes do riacho Barbosa, do rio Clementino, bem como rumo a outros córregos nos arredores, e ficaram uns poucos garimpeiros e o povoado Barbosa, que já era chamado de vila por já ter uma quantidade de moradias e algumas pessoas tinham atividades, outras como a agricultura.

Alguns dos novos manchões podem ter seu ápice de extração concomitante ao Clementino, depois dele, antes dele ou durante a extração ocorrida nas margens do riacho Sumaúma a qual falaremos mais adiante. O que podemos afirmar é que, com base nas entrevistas do senhor Elzimar Pereira Brito e Antônio Raposo, existiram alguns pequenos locais onde se podiam achar diamantes e que por serem pequenos não eram chamados de garimpos e sim de manchões por ter pouco fluxo de pessoas e por tempos não tão longos como o Clementino e o Sumaúma.

Talvez por esta razão não consegui encontrar fontes, e também não pairam sobre a memória dos entrevistados que precisem a localização e a significação destes para o surgimento do que hoje chamamos de Ribamar Fiquene. Nos relatos dos entrevistados, destacam-se os seguintes manchões: Manchão do Côco, Manchão da Velha, Manchão do Velho Trinta, Manchão da Chapada, Manchão da Serra, Manchão das Pedras, Manchão da Serrinha, Manchão da Tubatinga, Manchão Santa Maria e Manchão da Boca da Mata.

## 2.1 Sumaúma

Com o passar do tempo estes manchões começavam e logo entravam em escassez e com o surgimento de outro novo manchão, os garimpeiros e mercadores eram atraídos com a possibilidade de ser um grande manchão. Ocorria então a migração e logo este também era deixado por uma nova notícia. Isso ocorreu por algumas vezes, até que no final da década de 1940 surgem às margens do riacho Sumaúma as notícias de achados de pedras como cristal e diamantes, que viria movimentar a região.

[...] Pois bem, ficamos lá, ficamos quando foi passados assim uns anos eu não me lembro se foi 1948 ou 1949 que surgiu as primeiras pedras encontradas no Sumauma. Aí nós tava todo mundo lá garimpando quando saiu a notícia, rapaz surgiu um garimpo lá no Sumaúma (aí chamavam Sumaúma por causa do córrego sumaúma) aí nós vai pra lá, fomos pra lá[...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

As primeiras pessoas que chegaram neste garimpo levavam como forma de identificação com o riacho, como nos apresenta em uma declaração escrita com intuito de solicitar no ano de 2002, a troca do nome da cidade de Ribamar Fiquene para Sumaúma:

Eu, MINERVINO PEREIRA DE CARVALHO, vulgo: NEQUINHO [...], declaro para fins de direito que como fundador da cidade de SUMAUMA, pois aqui cheguei com minha esposa e dois filhos, na profissão de comerciante no ano de 1956, para comprar diamantes, e, aqui estavam (04) quatro compradores de diamante. Zé Borges, Augusto da Velhinha Raimunda, Dorzinho e Doquinha, de todos eles comprei diamantes. Declaro ainda que, os primeiros garimpeiros a chegar foram, Luís Sumaúma, patrão de João Sumaúma, garimpeiros solteiros, e ali morreram com esses apelidos que se originaram em razão de muitas árvores de SUMÚMA no local onde era cravado o garimpo de pedras preciosas que os mesmos exploravam. (CARVALHO, 2002).

Com essa nova descoberta, como de costume, as pessoas começaram a vir para esta nova área e começaram a construir suas novas casas com características semelhantes aquelas do garimpo do Clementino.

[...] Nois chegamos lá fizemos um barracão, nós era uns 20 garimpeiros tudo junto e todos eram trabalhadores do Zé Raposo. Aí fizemos um barracão grande assim que era coberto de palha de anajá por que lá não tinha palha de coco perto, fizemos abertura na mata, todo mundo se arranchou. Rancho nós vinha buscar todo sábado no Clementino que já era uma vila, com isso o povo foi chegando, foi

aumentando, já com algumas ruas tudo de casa de palha mais já tinha muita gente. [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Como podemos perceber na fala do senhor Raimundo Nonato, à medida que as pessoas foram chegando passavam a abrir clareiras através da derrubada da mata ali existente, para que se construíssem algumas casas que em vezes se encontravam um pouco afastadas das outras. Na altura do cruzamento, do que hoje conhecemos, como BR-010, com o riacho, sumaúma que levava este nome por ter uma árvore com este nome e que viria dá nome também ao povoado que ali surgia, começavam se construir casas em maior número em mais próximas as outras. À medida que chegavam se aglomeravam, como nos mostra o senhor Raimundo Nonato:

[...] Nosso barracão ficava mais aproximado do riacho, e com a notícia do garimpo, o pessoal foi chegando, foram chegando mais, aí fizeram uma corrutelinha que é justamente onde a rodovia Belém-Brasília passou isso não lembro exatamente o ano que foi, se foi em 1948 ou se foi em 1949 por aí assim [...] Aí ficamos trabalhando lá e o povo foi juntando, foi juntando, foi chegando garimpeiro e fazendo barraco naquela beira de riacho e pouco tempo depois já tinha era muita gente. Bem ali onde passou a Belém-Brasília onde hoje é a Sumaúma, encima, aquele alto, nós cavamos tirava o cascalho e lavava [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

À medida que esta aglomeração começa a tomar forma de povoado, ou de corruptela como coloca o entrevistado, na busca pelo bamburro assim como ocorrera no Clementino e nos manchões menores da região, dias após dias chegavam novas pessoas da região, como Grajaú, Barra do Corda, Pastos Bons, e outros mesmo da cidade de Imperatriz, e se juntavam próximo ao rio.

Além dos garimpeiros, que em sua maioria eram constituídos de homens, começam a surgir também comércios das mais variadas modalidades, desde a alimentação, remédios, até pensão para repouso de visitantes temporários até a chegada dos cabarés, conta o Sr. Raimundo Nonato.

[...] chegaram as pessoas e colocavam alguma coisa uma pensão, um cabaré, um comércio, um bar... aí o que que acontecia, fizeram bem ali uma rua com barraquinho de palha, fizeram aquela rua travessada, aquela vilazinha com cabaré, comércio, a mulher livre, o cortesão, a S.O.S a menina do tempo, o radinho de pilha que era a vitrola... aí o que acontece ajuntou aquele pessoal todinho, tinha os comerciantes, tinha o barzinho com aquele sonsinho pra lá...aquilo que nós precisava na barraca nois comprava lá. Foi bem ali onde hoje é a

Sumaúma, fizeram a corrutelazinha tudo de palha com muitas barracas e tinha muito movimento já e tava dando renda. Aí nós ficamos lá trabalhando, trabalhando e a mulherada começou a chegar, raparigada né, eram muitas. Às vezes nós estávamos no barraco elas chegavam e invadiam o barraco e diziam que tinham vindo ajudar nós por que nós tava pegando diamante [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Analisando este trecho da fala de seu Raimundo, podemos perceber que aos poucos as casas erguidas e a chegada de algumas tecnologias, como os rádios a pilha, das estradas e até mesmo de veículos, um policiamento um pouco mais ostensivo e formas de vidas variadas, trazendo outras formas de ganho financeiro, vão adquirir aspectos de uma vila mais sistematizada, o que mais adiante a elevará à condição de uma grande vila e, posteriormente, de cidade.

A versão quanto à chegada dos cabarés também é mencionada pelo Sr. Elzimar Brito, que também ressalta mais uma vez a violência que existiu nesses garimpos:

[...] No cemitério do mancão do coco, quem passava assim na estrada beirando enxergava o que dava a vista, só buraco de gente enterrado num lugar abaixo do cascalho e nego cavando cova e esse negócio lá morria gente demais da conta, lá tinha uns cabarés e tudo morria gente. [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

O primeiro indício de estradas propriamente ditas, terão início por volta de 1954, assim como a chegada de carros nessa região para fazer o transporte de mercadorias dentro do garimpo. Analisemos a seguir:

[...] Em 1954 parece, se eu não estiver enganado, entrou o primeiro caminhão carregado de mercadoria dentro do garimpo, ele era intermediário do senhor Plínio Pinheiro que morava em Imperatriz, e ele conseguiu fazer uma carroçal (estrada) aqui pela região aqui no riacho campo alegre acima da Belém-Brasília tem um cavernal velho com uma ponte de aroeira e que ainda hoje tem os paus velhos, um detalhe da ponte bem na passagem. Então descia por ai não sei por onde e chegou lá e começou a chegar um chevrolet carregado de mercadoria [...] (BRITO, entrevista, outubro, 2017).

À medida que esse povoado (Barbosa) mencionado acima começou a adquirir maiores proporções, as pessoas que moravam no Clementino começaram a migrar em quantidades maiores em busca das facilidades que já estavam chegando no novo povoado.

As representações das autoridades policiais e os principais compradores de diamantes como Zé Borges e Nequinha começaram a se instalar em Sumaúma, além de chamar a atenção dos compradores do garimpo do Santo Antônio. Estes, ao não encontrarem mais tanto diamante no Clementino, acabaram por se dirigir rumo a Sumaúma. Ainda tinham aqueles patrões que mesmo morando no Clementino tinha seu grupo de trabalhadores na Sumaúma, que eram mantidos de alimentação e ferramentas para trabalhar e repassarem a parte do patrão.

Outro elemento que se pode perceber na fala de Raimundo Nonato, que contribuiu para o crescimento em ritmo e proporção diferente do Clementino, foi o fato de que em Sumaúma não tinha muita febre, era mais sadio aquele trechinho. Muitas pessoas começam a construir casas mais elaboradas, com o intuito de morar e não somente de passar uma aventura temporal. Deste modo, o dinheiro conseguido com a venda dos diamantes circula de forma interna, o que proporciona aos moradores a fama de lugar que corre dinheiro.

Agora Sumaúma já tinha uma expressão maior, e além das instituições terem migrado de Clementino para Sumaúma, pode-se apresentar um fato em específico que pode ter sido o marco de como a primeira se ruía e a segunda se constituía enquanto centro representativo do lugar.

No início da década de 1960 o número de pessoas que ainda permanecia morando no Clementino era relativamente pequeno, segundo Antônio da Bem Vinda:

[...] Lá era do Jairo, finado Jairo, ele nem queria que nós trouxesse o santo de lá, tinha uma igreja lá, que era quase uma cidade quando era garimpo, aí o garimpo fracassou aí ficou só o Jairo que era morador lá, o Felisberto, tinha o Vicentinho. [...] (BEM VINDA, entrevista, fevereiro, 2019).

Com essa redução de pessoas no Clementino, a pequena capela, com um santo que era denominado padroeiro do lugar e este teria sido comprado pelos garimpeiros mediante uma vaquinha (cada um dá um pouco de dinheiro que juntos se destina a um fim específico) e compraram o santo por nome de São Sebastião que até hoje é considerado como padroeiro do município, sendo bastante cultuado, sobretudo nos festejos anuais no mês de janeiro. Houve a pressão dos moradores do povoado Sumaúma no sentido levar o santo para sua localidade, o que acabou por ocorrer:

Aí ajuntemos um bucado e fumo buscar o santo. Eu, seu João, a finada Maria que era minha sogra, finada Laura, Maciano. Fumo de pé, minha mulher que ainda não era minha namorada. Levei uma cunhada minha nas costas que era pequena e hoje é mãe de família. Chegamos lá falemos pra o Jairo, num tinha padre o padre era de Montes Altos. Esse santo lá quem comprou ele lá, ele quem fez esse negócio foi os garimpeiros, se ajuntou os garimpeiros e trouxeram esse santo pra lá, o Jairo que era o dono dele né. Saímos daqui de madrugada, seis horas da manhã. [...] (BEM VINDA, entrevista, fevereiro, 2019).

A partir desse ocorrido e narrado pelo entrevistado, constata-se que as atenções estavam voltadas de fato para o povoado que crescia e se constituía com centro de referência nos arredores. Este santo passou por este traslado de um povoado para outro e ficou inicialmente nas casas de moradores, depois por pequenas casas que foram construídas como capela. Tendo uma delas caído, o que ofereceu um sério risco de quebrar o santo, ocasionou a vinda do padre do município de Montes Altos, que em uma de suas viagens pela região levou o santo para a sede da cidade de Montes Altos, devolvendo apenas com a condição de que se construísse uma igreja, como nos fala Antônio da Bem Vinda:

[...] Chegamos aqui levemos lá pra casa do compadre João Mineiro que ficava ali abaixo de onde hoje é o posto, ai deixemos ele lá, e toda noite nós ia pra lá canta, fazer reza... de lá trouxeram esse santo pra casa do Marciano, na casa do Marciano ainda não tinham feito igreja, ai meu sogro fez uma igreja ali pra cá do posto um pouquinho, aí o Frei Aristide veio e empreitou essa igreja, ele era carpinteiro, ai ele fez essa igrejinha lá coberta de palha. Aí botou a travessa lá em cima e a travessa quebrou, ai nós tira o Santo e leve pra casa da finada Laura, aí da finada Laura chegou uma freira ai, uma irmã e disse que ia fazer uma igreja e fizeram ali, bem pertinho da casa da Marcelina, fez uma Igreja lá, tipo uma igreja, de taipa, até ajudei a tapar lá, faziam reunião, era grande. Depois dessa igreja que o Padre fez ela ali onde hoje. Esse santo quase num aquieta aqui, frei Aristides ainda levou ele pra Montes Altos e disse que não era pra trazer ele pra cá de jeito nenhum, só quando fizesse a igreja. [...] (BEM VINDA, entrevista, fevereiro, 2019).

Em análise desta citação ponho-me a refletir sobre literaturas contemporâneas a respeito destes garimpos e que em seu enunciado não aborda fatos tão expressivos como estas atividades ocorridas nestes povoados. Com exceção de Franklin (2008) e Barros (1995), que dialogo nesta pesquisa, não encontrei nos dois anos que me aprofundei nesta pesquisa outras bibliografias que discutam estes fatos.

Vale ressaltar que neste período em discussão este território foi área pertencente ao município de Imperatriz até o ano de 1955 e que mesmo sendo minuciado o olhar em repetidas buscas pela bibliografia imperatrizense não obteve tanto êxito. Quando o território de Montes Altos consegue a emancipação de Imperatriz, fica o garimpo de Sumaúma sendo agora pertencente ao novo município.

Aqui, com um espírito de espanto por não compreender como duas bibliografias produzidas em Montes Altos não fazem nenhuma referência a estes fatos, sendo uma escrita no ano de 2016 e a outra no ano de 1992, pelo então padre capuchinho da ordem Franciscana de Itália Frei Aristides Arioli, que veio no ano de 1962 e por aqui ficou até sua morte no ano de 1995. Em sua obra intitulada “O Tombo”, na qual produz uma narrativa de como teria surgido o povoado de Montes Altos, seu processo de emancipação e até fatos ocorridos próximo ao ano de produção desta literatura.

Não se encontram nestes dois escritos nem mesmo uma menção mínima com relação ao garimpo e ao povoado de Sumaúma. Reportando ao preambulo deste enunciado, a citação mostrada pela entrevista de seu Raimundo da Bem Vinda, se constata da visita de Frei Aristides ao povoado em uma de suas andanças para realização de missas, casamento e batizados.

Após esse momento de passagem da imagem de São Sebastião da Vila Barbosa, indica a concretização de Sumaúma como sendo um povoado em ascensão. Mesmo com a redução na quantidade de diamantes encontrados e com a volta de boa parte dos garimpeiros às suas regiões e estados de origem. Porém, outros estabeleceram estada de forma fixa de parte de pessoas que ali estavam, inclusive de pessoas que para ali vieram com caráter temporário e que por razões outras acabaram ficando no povoado, como nos mostra Raimundo Nonato:

[...] Quando fracassou o garimpo de Sumaúma, muitos saíram e outros ficaram lá já morando. Foram aumentando derrubando as Matas e foram aumentando e a Sumaúma que era a corruptela foi aumentando e fazendo umas casas melhores daí foi que surgiu justamente a Sumaúma [...] (RAPOSO, entrevista, setembro, 2017).

Neste, ocorreu um fenômeno diferente daqueles ocorridos nos demais veios, aqui a população veio em maior número, de mais lugares da região e até de outros estados, tendo isto ocorrido em virtude da intensa fama que esta região tinha de extração de pedras preciosas, até porque todas estas pessoas não ficaram sabendo

em função direta do garimpo de sumaúma, e sim, com o passar do tempo, desde o Clementino, todos os pequenos veios até este último de sumaúma.

O elemento determinante de diferença deste para os demais pontos onde se encontrava diamante é o fato de que aqui à medida que se extraia também atraia pessoas com outros fins, como comércio de insumos alimentares, bebidas e a vinda de mulheres, que vinham em busca de garimpeiros endinheirados e foram por eles consideradas “mulheres de vida fácil” ou cortesãs.

Aqui, vale colocar uma opinião pessoal deste pesquisador, em talvez não tecer críticas aos referenciais, mas de entender com um olhar diferente, de que a mulher que vem ao garimpo para se deitar com garimpeiros, que ficavam alguns deles um grande tempo sem tomar um único banho, e, deveriam está com uma “catinga” considerável, não parecia ser uma tarefa tão fácil assim para aquelas cortesãs, talvez a busca pela satisfação financeira, ou a necessidade, fosse o elemento que as fizessem encarar o desafio com certa naturalidade.

Em continuação aos fatores que diferenciavam este espaço com os demais, elenco o fato de que a abertura de uma vicinal (chamado pelo entrevistado de Ramal) ligando Sumaúma a Imperatriz o que propiciou a entrada cada vez maior de pessoas ao garimpo. À medida que o diamante ficava escasso, algumas pessoas já haviam constituído laços afetivos de amizade e famílias o que propiciou os mesmos a edificar moradias mais elaboradas. Com o aumento considerável da população houve também a necessidade de saída de parte dos moradores para áreas um pouco mais afastadas nos arredores do povoado.

Começa, assim, a figurar um aspecto diferente daqueles percebidos no início da aglomeração, se identifica uma vila e não mais uma pequena corruptela. As pessoas começam a exercer novas atividades de subsistência, como a criação de animais e a agricultura, que ditava a abertura de novas áreas à medida que os anos iam passando.

### 3. DO GARIMPO À CIDADE

O Brasil passou na segunda metade do século XX por intensos processos de transformações políticas e sociais protagonizados por suas constituições ideológicas de poder que acabaram por influenciar a formatação territorial das federações estaduais no que tange às municipalizações ou as intermitentes ondas de emancipações municipais provocadas às vezes por ideais populares e em outros casos pelos desejos pessoais políticos dos senhores “representantes” regionais que em busca de protagonismo se imbuíam na busca pela tentativa de elevar seus conglomerados e vilarejos em cidades, como podemos perceber em Ferrari (2016).

Entre a centralização e a descentralização, em sintonia com diferentes cenários políticos, correspondendo, respectivamente, a períodos autoritários e democráticos, como ressalta Rodrigues (2003).

Dentro deste contexto de mudanças sociais baseadas na contextualização pode se destacar alguns eventos, que aqui colocarei como marco, que dentro de uma linearidade temporal obtiveram mais representatividade que outros, influenciou o ritmo das emancipações de municípios no Brasil, uns no sentido da aceleração em termos de número de territórios que passaram a postular o título de município, em outros momentos, o movimento era de redução, passando em um terceiro momento, para o nível quase que de impossibilidade de se adquirir novas titularizações.

Em primeira instância, os processos emancipatórios almejavam a independência territorial de forma que suas unidades administrativas não estivessem vinculadas ou subalternas aos centros administrativos que, em suma, se encontravam distantes, o que dificultava o acesso às políticas públicas em seus vários aspectos sociais.

Em meios à essas manifestações jurídicas e políticas, os conglomerados postulantes a municípios possuíam traços culturais de identidade próprias com características que diferiam daquelas praticadas no centro administrativo de sua municipalização, o que os levam a se perceberem como diferentes.

Em paralelo a esses movimentos em prol das concretizações dos processos de emancipações brasileiras, destacavam também as pessoas que não eram adeptas aos movimentos processuais, em sua maioria eram aqueles que estavam dispostos de forma confortável, socialmente falando, considerando que a divisão acabaria por

trazer à tona um esfacelamento territorial, a ideia do muito sobreposto ao um todo, o que não seria interessante de acordo com a visão dos relutantes à ideia. Ainda atrelado a esse argumento, destaca-se a questão econômica dos novos municípios que não se sentiam atendidos pelas políticas públicas da antiga sede.

De acordo com Sérgio Ferrari (2016), os processos de emancipação decorreram simultaneamente aos contextos e processos políticos que ocorriam no Brasil e que acabou por interferir direta e indiretamente no rito de surgimentos de novos municípios, cada uma ao seu modo e com seu grau de influência, a depender das circunstâncias e dos atores políticos de cada período. Para o autor, esses períodos ficaram dispostos da seguinte forma: 1) a “Primeira Onda” (décadas de 1950 e 1960); 2) o regime militar e a rigorosa restrição a criação de novos entes municipais; e 3) a Constituição de 1988 e a “Segunda Onda”.

Para Ferrari (2016), a “Primeira Onda” emancipatória ocorreu no período das décadas de 1950 e 1960, no entanto, podem ser encontrados registros do IBGE que constam aparecimento de emancipações municipais bem antes de 1941 como consta na tabela a seguir:

**Tabela 3 - Emancipações no Brasil até 2007.**

| <b>Ano</b>     | <b>Quantidade</b> | <b>Crescimento %</b> |
|----------------|-------------------|----------------------|
| Antes de 1941  | 1.438             | 25,8                 |
| De 1941 a 1963 | 2.178             | 39,2                 |
| De 1964 a 1988 | 584               | 10,5                 |
| De 1989 a 2007 | 1.364             | 24,5                 |

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados obtidos no site do IBGE (2010).

Em consonância com Ferrari (2016), François E. J Bremaeker, (1995) afirma através de seus enunciados que a partir da década de 1940, já era possível perceber alguns movimentos que manifestavam interesse por desligamentos políticos jurídicos e institucionais como vemos a seguir:

Entretanto, o processo de emancipação de Municípios já é antigo. Em 1940 existiam no Brasil 1.574 Municípios. Em 1950, quando da realização de um novo censo, já haviam sido criados mais 315 Municípios, totalizando 1.889 unidades. Entre 1950 e 1960, o número

de Municípios criados foi de 877 unidades, fazendo com que o número total chegasse a 2.766 Municípios. O aumento relativo no número de Municípios neste período chegou a 46,4% (BREMAEKER, 1995, p.02).

No período de 1964 até 1988, quando ocorreu o processo de militarização do Governo Federal, se instauraram barreiras que dificultaram o surgimento de criação de novos municípios. A Lei Complementar nº 1/1967 estabeleceu severos limites à criação de novos municípios como: a representação junto a Assembleia Legislativa, requisitos territoriais e quantitativos eleitorais mínimos, centro urbano constituído e limites de arrecadação econômica. No entanto, em seu artigo só é permitida a divisão ou separação dos municípios desde que seja em comum acordo com as partes envolvidas, como mostra o artigo adiante:

“§ 1º – Não será permitida a criação de Município, desde que esta medida importe, para o Município ou Municípios de origem, na perda dos requisitos exigidos nesta Lei” (BRASIL. Emenda Constitucional nº 15, de 1965).

Em síntese, esse período pode ser compreendido como aquele em que houve maiores dificuldades nos trâmites para que houvesse dissociação dos municípios, o que ocasionou a redução no número de surgimento de outros novos a serem criados em função da política de governo do governo federal, que era imbuído da tentativa de controle do poder estatal como um todo.

O período abordado por Ferrari denominado de “Segunda Onda” ocorreu no seio da redemocratização do Brasil, pós-regime militar. Com o advento da Constituição de 1988, que em seu corpo ressignifica o sistema de emancipação e eleva os municípios brasileiros a categoria de entes federativos. Neste cenário, a carta magna propicia em seu artigo 18, § 4º: a autonomia às instâncias federativas com representatividade de união, estados, distrito federal e municípios nos termos da constituição e que:

A criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de Municípios preservarão a continuidade e a unidade histórico-cultural do ambiente urbano, far-se-ão por lei estadual obedecida os requisitos previstos em Lei Complementar estadual, e dependerão de consulta prévia, mediante plebiscito, às populações diretamente interessadas (BRASIL, 1988).

Baseado nos pressupostos de Cláudio Burian Wanderley (2008), o processo de emancipação dos municípios brasileiros teve maior ênfase na década de 1990, fator condicionado pela constituição de 1988, elevando a quantidade para aproximadamente 5.500 por toda a confederação.

Após um período em vigor, essa mesma Constituição que passara por esse processo de facilitar os elementos das emancipações sofreu também algumas alterações em regência da Emenda Constitucional de nº 15 de 1996, que modificou a redação do inciso 4º do art. 18, na qual requereu que o período para a criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de municípios seja determinado por lei complementar federal, afirmou Cristina Thedim Brandt (2010).

Atenuado a esse fator, os demonstrativos teóricos, buscados para corroborar esta pesquisa, apontam outros fatores que influenciaram este crescimento de áreas a serem emancipadas, como mostra o texto a seguir:

Levantamentos realizados em 1996, junto aos Municípios de origem, dão conta de que as razões que levavam à emancipação eram: a expectativa de ter serviços públicos adequados, que poderiam ser melhor gerenciados pela comunidade (52,9% dos casos); a vontade de se tornar independente e poder desfrutar das vantagens da autonomia (23,5%); o fato de o Município novo ter entendido que ele era suficientemente desenvolvido (11,8%); a percepção de que esta era a forma de melhor se desenvolver, a exemplo de outros Municípios que se haviam emancipado anteriormente, e a dificuldade de atendimento em razão da grande extensão territorial do Município de origem, ambos os casos com 5,9% das respostas (BREMAEKER, p.05, 1996).

O movimento chamado de “Segunda Onda”, Constituição de 1988, como menciona Ferrari (2016) é bastante discutido por ensaístas do assunto, que canalizam para o mesmo sentido de que as flexibilizações normativas propiciaram nesse período o inchaço das municipalizações até o final dos anos 1990, em que se modifica através de projeto de lei complementar, com similitudes à Lei Complementar nº 1/1967 que enrijecia os processos de criação de novos municípios.

O Projeto de Lei Complementar (PLC) de 98/2002, do Senado, na qual o número na Câmara dos Deputados alcançou (416/2008), demonstra o longo tempo de tramitação, ainda mais quando se vê que sua aprovação final ocorreu apenas em 2013, assim sendo este projeto culminou com a apoptose da “Segunda Onda”, e esta, por sua vez, seria o estopim da “Primeira Onda”.

Como prima Ferrari (2016), destaca-se alguns dos gatilhos desse Projeto. A princípio, cita-se o art. 13, que estabeleceu os requisitos para criação dos municípios:

Art. 13. O Estudo de Viabilidade Municipal tem por finalidade o exame e a comprovação da existência das condições que permitam a consolidação e desenvolvimento dos Municípios envolvidos, e deverá comprovar, preliminarmente, em relação ao Município a ser criado, se foram atendidos os seguintes requisitos:

I – população igual ou superior a: a) 5.000 (cinco mil) habitantes nas Regiões Norte e Centro-Oeste; b) 7.000 (sete mil) habitantes na Região Nordeste; c) 10.000 (dez mil) habitantes nas Regiões Sul e Sudeste; II – eleitorado igual ou superior a 50% (cinquenta por cento) de sua população; III – existência de núcleo urbano já constituído, dotado de infraestrutura, edificações e equipamentos compatíveis com a condição de Município; IV – número de imóveis, na sede do aglomerado urbano que sediará o novo Município, superior à média de imóveis de 10% (dez por cento) dos Municípios do Estado, considerados em ordem decrescente os de menor população; V – arrecadação estimada superior à média de 10% (dez por cento) dos Municípios do Estado, considerados em ordem decrescente os de menor população; VI – área urbana não situada em reserva indígena, área de preservação ambiental ou área pertencente à União, suas autarquias e fundações; VII – continuidade territorial (BRASIL, p.73, 2002).

Diante deste panorama apresentado anteriormente, de intermitências normativas acerca de processos, que ora outorgam e ora limitam o surgimento de novos entes federativos municipais que ocorre em todo Brasil, e em termos de recorte temporal e espacial desta pesquisa, influirá diretamente para compreendermos que os fatos não ocorrem isoladamente. Em todos estes períodos podemos perceber como os autores abordam em estatísticas e números como esse movimento ocorreu no estado do Maranhão e propiciou a emancipação de municípios.

Entre os anos de 1989 a 2001 foram emancipados 81 municípios, sendo que a população mínima requerida para emancipação, até 1996, neste estado, era de 1000 habitantes. 37,5 % foram criados apenas no ano de 2001, atingindo o total de 216 municípios neste mesmo ano, e houve um aumento de 14,6% da população dos

estados entre 1991 e 2000. A quantidade de municípios no estado do Maranhão em 2019 é de 217, demonstrativo de que apenas um município conseguiu sua emancipação, sendo ela a cidade de Centro Novo do Maranhão, no ano de 2002, o que reforça o Projeto de Lei Complementar (PLC) 98/2002.

A Lei estadual nº 6.126, sancionada em 1994 pelo ex-governador José Ribamar Fiquene, criou 81 municípios no Maranhão, sendo emancipados no ano de 1996. Dentre os quais, 13 se encontram na região sudoeste e se colocam da seguinte maneira:

**Tabela 02 - Cidades emancipadas e seus municípios de origem.**

| Município de origem | Município emancipado   |
|---------------------|--|
| Montes Altos        | Lajeado Novo, Ribamar Fiquene  |
| Estreito            | São Pedro dos Crentes  |
| João Lisboa         | Senador La Roque, Buritirana   |
| Porto Franco        | Campestre, São João do Paraíso   |
| Imperatriz          | São Francisco do Brejão, Cidelândia, Vila Nova dos Martírios, São Pedro da Água Branca, Governador Edison Lobão, Davinópolis |

Fonte: Elaboração própria.

Os municípios limítrofes de Ribamar Fiquene são: Governador Edison e Montes Altos ao norte; Montes Alto (cidade mãe) e Lajeado Novo a leste; Estado do Tocantins fica a oeste, e ao Sul com o município de Campestre do Maranhão.

O município foi elevado à categoria de distrito com a nomenclatura de Ribamar Fiquene (nome do então governador em exercício no ano mencionado), pela lei estadual nº 6.131, de 10 de novembro de 1994, desmembrando-se.

Na oportunidade, existiam dois vereadores representantes do povoado Sumaúma que compunham a câmara municipal de Montes Altos, inclusive um destes, a senhora Nilda Lucena, era presidente e apresentou o projeto de emancipação, a qual não teve tanto apoio dos demais, inclusive de seu conterrâneo Pedro Silvino.

Com repetidas reuniões e iguais insucessos, a vereadora elabora de forma unilateral o projeto e encaminha para a capital do estado do Maranhão o intuito de pleitear a emancipação, encontra vários desafios e dificuldades burocráticas, devido ao que em parte anterior deste texto chamamos de “segunda onda” de emancipação que se encontrava em fase final e não propiciava facilidade para tal conquista.

A equipe, então, muda de estratégia e resolve nominar o pleiteante município

de Sumaúma para Ribamar Fiquene no sentido de sensibilizar o então governador do estado, que era da região Sudoeste, e que no alto de seu *ego*, agilizou o processo e facilitou seu trâmite diante de legisladores da câmara estadual, bem como nas esferas judiciais.

Esta mudança de nome é centro até hoje de discussão, frente à população do município, que se reconhece como moradores de Sumaúma e não acolhem como identidade o nome do governador Ribamar Fiquene, até porque existe legislação federal e estadual que vai de encontro a este parâmetro. No estado, não foram, e nem são considerados para o pleito de eventual mudança como nos mostra seu Nequinho, (2002):

Dr. Ribamar Fiquene, você está vivo, e com todo respeito não querendo lhe menosprezar, muito menos ser egoísta, mais me perdoe, o seu nome que eu saiba não traz origem nenhuma para com esta cidade, bem como é proibido colocar nome em cidade, de pessoas ainda vivas. Expliquem o que Dr. Ribamar Fiquene, trouxe de benefício para nossa cidade com seu nome, se nada fez por ela (CARVALHO, 2002).

Desde a emancipação, a cidade de Ribamar Fiquene cresceu significativamente em decorrência de alguns fatores, como a abertura de estradas vicinais pelas áreas rurais onde se desenvolveu a atividade agropecuária de corte e leiteira; a agricultura irrigada de arroz, feijão, farinha de mandioca, banana, mamão, tomate, melancia, pepino, carne às margens dos riachos e rios que compõem a malha hídrica do território e que são exportadas pra outros municípios, como Imperatriz; o asfaltamento da rodovia Bernardo Sayão (BR 010) que possibilita a comercialização de diversos produtos em suas margens; a extração de materiais para uso na construção civil como areia e seixo que alimentam a região e, por último, e não menos importante, o acesso em vários pontos ao rio Tocantins, que favorece uma gama de usufruto variados de plantas frutíferas até o uso de suas margens para lazer com diversos pontos de banho, sendo o mais conhecido deles a utilização das areias que emergem a cada verão proporcionando aos munícipes e visitantes a oportunidade de se deleitar com uma praia em que se explora o turismo como fonte de renda.

Com população de 7.318 habitantes, segundo censo do IBGE de 2010, Ribamar Fiquene, ou Sumaúma, como fazem questão de frisar, seus moradores, é composta por dois povoados, Lajeado e Arraias, um Projeto de Assentamento, 7 bairros, um destacamento policial, uma agência dos Correios, diversas igrejas evangélicas, uma paróquia, uma tenda de umbanda, uma rádio comunitária.

Acompanhando este crescimento, a iniciativa privada implanta suas empresas em ramos diversos. Agora o antigo povoado é uma cidade em plena efervescência comercial que aos poucos vai transformando sua formatação com todas suas melhorias e com seus desafios a serem superados até que um novo surja, afinal, toda cidade tem em si mesma uma dinâmica própria e tende a organizar-se à medida que sua dinâmica direciona.

O que fica como observação é o fato de, até então, depois de mais de duas décadas de emancipação e uma história cheia de idas e vindas, de idealistas sonhadores em busca de fortuna, não encontramos registros bibliográficos suficientes que sejam repassados às gerações com o passar dos tempos, de como ocorreu o processo de formação e constituição deste lugar. Espero que este dois anos de pesquisas e o período de 2011 a 2017 em que morei neste lugar sirvam como um elo, mesmo que tenha suas fragilidades, entre os primeiros moradores e aqueles que futuramente terão acesso a esta pesquisa.

## Considerações finais

Com todo exposto no decorrer desta pesquisa, pode se perceber que mesmo existindo uma diversidade de elementos que indicam uma ligação entre o surgimento, crescimento populacional e sua constituição como município, estes estão mais próximos do que possamos imaginar.

Como apresentados por nossas fontes, podemos afirmar que o município de Ribamar Fiquene surgiu em razão das atividades garimpeiras ocorridas às margens dos riachos que se entrelaçam por seu território. A unanimidade dos entrevistados me assegura para que possa fazer esta afirmação, pois durante toda a pesquisa percebemos diversas relações de amor pelo diamante e de identidade ainda maior das pessoas que se dispuseram a ficar neste espaço.

De forma sintetizada, afirmo que é uma história de amor por Sumaúma. Pois com o advento do diamante foi que se constituiu a sedentarização dos aventureiros que andavam de garimpo em garimpo. É com a fixação destes garimpeiros que, após o período de bamburras e desilusões, ocorre a constituição do povoado com características de morada, e não apenas como local de passagem de temporada, que se vislumbra o nascimento daquela que se tornaria Ribamar Fiquene.

Observando como ocorre a dinâmica desde as primeiras pedras de diamantes no rio Clementino, passando pelos diversos veios menores até Sumaúma, se contata como influenciou diretamente no surgimento e em seu desenvolvimento. Mesmo que outros fenômenos ocorressem após a escassez das pedras, como a mudança de hábitos de labor para agricultura e pecuária e a migração para regiões periféricas à medida que a população ia aumentando transformando os aspectos da pacata corruptela, não se concebe outra linha para que se aponte como sendo de forma direta o principal elemento responsável pelo surgimento da cidade de Ribamar Fiquene, a não ser a atividade extrativa de diamantes ocorridas nas décadas de 1940 até meados de 1960.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Jéssica. LEMES, Denise Peralta, **A importância da atividade garimpeira (diamante) para o desenvolvimento de JUÍNA-MT**. Trabalho apresentado no XIV Simpósio de Ciência, Pesquisa e Educação – Responsabilidade Socioambiental, realizado em Juína-MT, entre 10 a 12 de novembro de 2009.

BARBOSA, O. **O diamante no Brasil. Histórico, ocorrência, prospecção e lavra**. Brasília - Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais, 1991.

BARROS, Edelvira M. M. **Imperatriz: memória e registro**. Imperatriz: Ética, 1995

BRANDT, Cristina Thedim. A criação de municípios após a Constituição de 1988 O impacto sobre a repartição do FPM e a Emenda Constitucional nº 15, de 1996. In: **Revista de informação legislativa**. Brasília. v. 47, n. 187, p. 59-75, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/198693>>. Acesso em: junho de 2019.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 15, de 1965. Diário Oficial da União, 6 jul. 1965.79RIL Brasília a. 53 n. 211 jul./set. 2016 p. 55-80.

\_\_\_\_\_. **Lei Complementar no 1, de 9 de novembro de 1967**. Estabelece os requisitos mínimos de população e renda pública e a forma de consulta prévia às populações locais, para a criação de novos municípios. Diário Oficial da União, 10 nov. 1967.

BREMAEKER, François E. J. de. **LIMITES À CRIAÇÃO DE NOVOS MUNICÍPIOS: A Emenda Constitucional N° 15 de 1996**.

CHAVES, Mário L.; CHAMBEL, Luís. **DIAMANTE: a pedra, a gema, a lenda**. Oficina de textos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Perfil das receitas municipais**. Rio de Janeiro: IBAM/CPU/IBAMCO, 1995. 25p. (Estudos especiais).

DANESE, Luciana Cabral, Eng<sup>a</sup>. de Minas. **Diamantes**. 12<sup>o</sup> DS- DNPM-MT - CARLOTTO, Marília Bouret de Medeiros, economista 12<sup>o</sup> DS- DNPM-MT, 2006.

FERRARI, Sérgio. Criação de municípios e debate científico: entre mitos e métodos. **Revista de informação legislativa**: RIL, v. 53, n. 211, p. 55-80, jul./set. 2016. Disponível em: <[http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/53/211/ril\\_v53\\_n211\\_p55](http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/53/211/ril_v53_n211_p55)>. Acesso em: outubro de 2018.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 39<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p 41. Título original: Las venas abiertas de America Latina. (Coleção Estudos Latino-Americanos, v.12).

GONÇALVES, R. J de A. F. Garimpeiros e diamantes: a vida pode mudar com a virada da peneira. 2010. In: **XI JORNADA DO TRABALHO**, 2010. João Pessoa, Anais... João Pessoa: UFPB-PB. 1 CD-ROM.

GONÇALVES, Ricardo L. Fernandes e MENDONÇA, Marcelo R. Atividade garimpeira de diamantes na comunidade de Douradinho no município de Coromandel/MG. Relação trabalho e território. In: **Espaço em Revista**. vol. 14 nº 1, p. 86 – 95, jan/jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/espaco/article/view/19410>>. Acesso em: junho de 2018.

HEIDER, Mathias. COSTA, Marina Marques Dalla, **A evolução da produção de diamantes no Brasil**. Departamento Nacional De Produção Mineral – DNPM. Minemercado. Jul/ago, 2017. Disponível em: <<http://www.inthemine.com.br>>. Acesso em: Dezembro de 2018.

LEONARDOS, O. H. **Diamante**. Revista Engenharia, Mineração e Metalurgia nº 175, p. 5-8. Rio de Janeiro. 1959.

MACHADO. M. C. T. **Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo. 1955-1985**. Tese (Doutorado em História Social) USP, FFLCH. São Paulo, 1998.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. **Meio século de Mineração no Brasil**. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (Naea-UFPA), Belém-PA. 2005.

NEQUINHO, Minervino Pereira de Carvalho. **Declaração de outorga de Fundador da Cidade de Ribamar Fiquene (SUMAÛMA) e sua respectiva troca para nome de identidade fundadora**, 2002.

WANDERLEY, Cláudio Burian. **Emancipações Municipais Brasileiras Ocorridas na Década de 90: Estimativa de seus Efeitos sobre o Bem-Estar Social**. Texto submetido ao XIII Seminário sobre Economia Mineira Promovido pelo CEDEPLAR/UFMG. 2008. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2008/D08A072.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2008/D08A072.pdf)>. Acesso em: junho de 2018.

**Entrevistas:**

Antônio da Bem Vinda, Ribamar Fiquene - MA, 06/02/2019. (Não permitiu registro fotográfico).

Elzimar Pereira de Brito, Governador Edson Lobão - MA, 21/10/2017.



*Em memória*

Raimundo Nonato Carvalho Raposo, Montes Altos - MA, 30/09/2017.

**ANEXOS**

**Anexo 1 - Declaração solicitando a troca do nome do município de Ribamar Fiquene para Sumaúma.**

**DECLARAÇÃO**

Eu, **MINERVINO PEREIRA DE CARVALHO**, vulgo: **NEQUINHO**, brasileiro, portador da Carteira de Identidade nº 1741145 SSP/MA e do CPF nº 236.914.093-34, declaro para fins de direito que como fundador da cidade de **SUMAÚMA**, pois aqui cheguei como minha esposa e dois filhos, na profissão de comerciante no ano de 1.956, para comprar diamantes, e, aqui estavam (04) quatro compradores de diamantes. **Zé Borges, Augusto da Velhinha Raimunda, Dorzinho e Doquinha**, de todos eles comprei diamantes. Declaro ainda, que, os primeiros garimpeiros a chegar aqui foram, **Luis Sumaúma**, patrão de **João Sumaúma**, garimpeiros, solteiros, e ali morreram com esses apelidos que se originaram em razão de muitas árvores de **SUMAÚMA** no local onde era cravado o garimpo de pedras preciosas que os mesmos exploravam.

Declaro ainda que, conheço a origem da cidade não acho nada adequado o seu novo nome, que é **RIBAMAR FIQUENE**, nome este colocado por políticos puxadores de saco, que nada entendem da raiz do nome desta cidade e querem apenas homenagear o então governador.

**Dr. Ribamar Fiquene**, você está vivo, e com todo respeito não querendo lhe menosprezar, muito menos ser egoísta, mais me perdoe, o seu nome que eu saiba não traz origem nenhuma para a esta cidade, bem como é proibido colocar nome em cidade de pessoas ainda vivas. Expliquem o que **Dr. Ribamar Fiquene**, trouxe de benefício para nossa cidade, por que a razão de tanto privilégio em ter uma cidade com seu nome, se nada fez por ela.

Essa é a história que traz o nome de nossa **SUMAÚMA** à nossa cidade, que um dia poderá ser contada a nossas crianças, para que esse nome não seja esquecida a sua origem, inclusive na porta de minha casa, plantei (02) duas árvores de **SUMAÚMA**.

Aqui nesta cidade construí minha família com minha excelente esposa **JESUNITA SOARES COSTA** e (10) dez filhos que aqui criamos, por isso como fundador desta cidade, me acho no direito de solicitar um plebiscito para mudança do nome ou que seja permanecido o mesmo nome de **SUMAÚMA**.

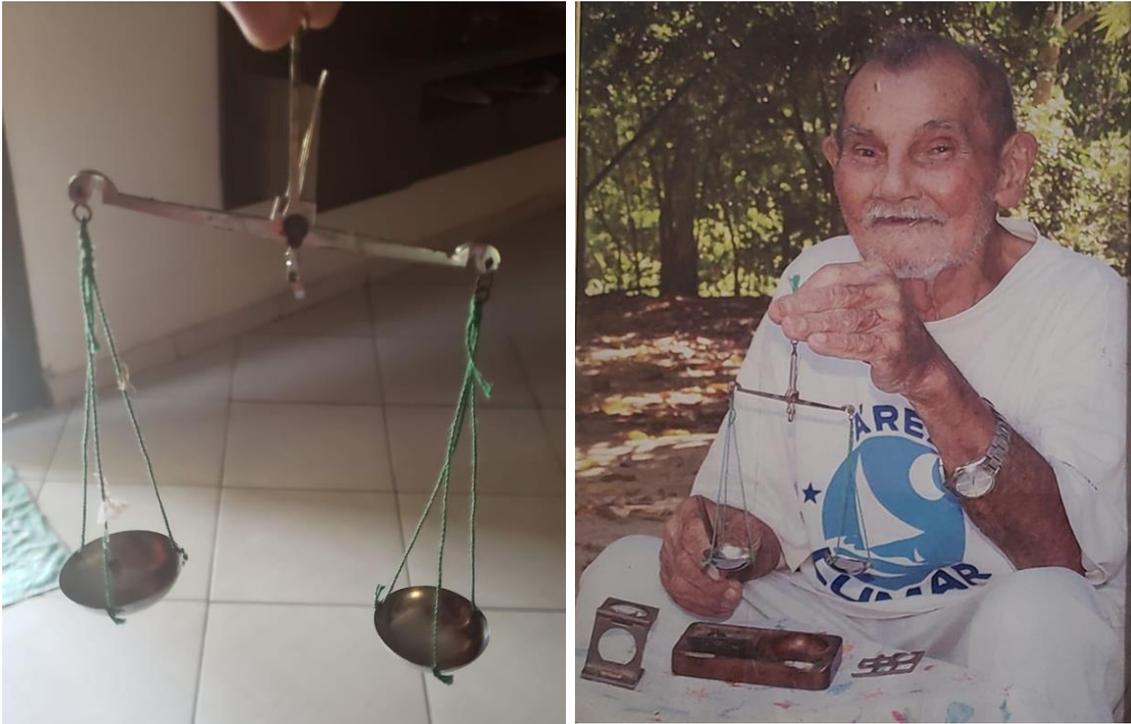
Ribamar Fiquene/Ma (Sumaúma) , 17 de Julho de 2002

*Minervino Pereira de Carvalho*

|   |  |   |
|---|--|---|
|  | <b>OFÍCIO CÍVEL</b><br>M. das Graças B.<br>de Aguiar Lima<br>(Luz) | Reconheço as assinaturas<br><i>Minervino Pereira de Carvalho</i><br><i>Augusto da Velhinha Raimunda</i><br><i>Dorzinho</i><br><i>Doquinha</i><br>Por uma vez<br>Imp. - MA<br>Em 17 de Julho de 2002 |
|   | Gilson Carlos Xavier<br>Esc. Jureta 1-ty<br>Insurgente - Maranhão  | M. das Graças B. de Aguiar Lima<br>Esc. Jureta 1-ty<br>Insurgente - Maranhão  |

Fonte: Família de seu Nequinho

**Anexo 2 - Balança de seu Nequinho utilizada na pesagem de diamantes.**



Fonte: Família de seu Nequinho.